

50 anos da revista blimunda

mensal n.º 61 junho 2017 fundação José Saramago

70 anos sobre a morte de José Saramago

cem anos de solidão, **cinquenta** anos depois, por antónio mega ferreira

100 anos da fundação José Saramago

3— **Editorial**
Junho,
um mês
intenso

5— **Leituras**
Sara Figueiredo Costa

11— **Estante**
Sara Figueiredo Costa
Andreia Brites

16— **Cromos e estampas**
da feira do livro
Sara Figueiredo Costa

26— **Cem anos de solidão,**
cinquenta anos depois
António Mega Ferreira

45— **A Casa da Andréa**
Andréa Zamorano

52— **2012-2017**
Um balaço sobre
a leitura e o livro
infantojuvenil
Andreia Brites

64— **And The winner Is...**
Andreia Brites

65— **Espelho Meu**
Andreia Brites

69— **Saramaguiana**
Sete anos
Pilar del Río

72— **Saramaguiana**
Para uma bacia
cultural no
atlântico sul
Pilar del Río

83— **Agenda**

Junho é um mês especial, intenso e emotivo para os trabalhadores e amigos da Fundação José Saramago. São dias de celebração, encontros, balanço, e também de reflexão e de saudade.

No dia 29 de junho de 2007, em Lisboa, foi assinada a ata de constituição da FJS. O documento de criação da instituição anuncia: «A Fundação José Saramago nasceu porque uns quantos homens e mulheres de diferentes países decidiram um dia que não podiam deixar sobre os ombros de um só homem, o escritor José Saramago, a bagagem que ele havia acumulado ao longo de tantos anos, os pensamentos pensados e vividos, as palavras que cada dia se empenham em sair das páginas dos livros para se instalarem em universos pessoais e serem bússolas para tantos.»

Cinco anos depois, a 13 de junho de 2012, a Casa dos Bicos, edifício localizado no centro de Lisboa, abriu as portas como sede da instituição. Quando soube que a fundação que leva o seu nome estaria localizado num emblemático edifício da capital

portuguesa, José Saramago manifestou o desejo de que, mais do que ficar centrada na sua obra e na sua vida, a Fundação deveria funcionar como um centro cultural aberto para o mundo. Fomentar a cultura e a literatura em língua portuguesa, promover encontros, defender os direitos humanos e o ambiente, são os objetivos da instituição que agora completa uma década de vida.

Foi também em junho de 2012 que a *Blimunda* foi publicada pela primeira vez. E desde então, todos os meses a revista digital cultural editada pela FJS é disponibilizada gratuitamente para leitores de todo o mundo.

E foi há sete anos, no dia 18 de junho, que José Saramago nos deixou. A falta que nos faz é muito grande, mas a bússola que temos é uma ferramenta poderosíssima: a sua obra e as suas ideias. E é com elas nas mãos que diariamente abrimos as portas da Fundação para que os visitantes entrem, e que trabalhamos para estabelecer um diálogo com os muitos leitores de José Saramago espalhados pelo mundo.

Junho, um mês intenso

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,

746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Segunda a Sábado Monday to Saturday

10 às 18h 10 am to 6 pm

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO, THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

Blimunda 61

junho 2017

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDACÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

ANDRÉ CARRILHO



LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA



Clarice e Jobim

Para além dos livros, Clarice Lispector teve presença regular (e diversificada em termos de registos) na imprensa brasileira. No imenso arquivo que é a internet, é possível resgatar uma entrevista feita pela autora de *A Paixão Segundo GH* a Tom Jobim para a revista *Manchete*, publicada no dia 21 de

setembro de 1968. Escritora e músico já se conheciam e havia uma relação prévia de afinidades que se torna mais visível à medida que a entrevista decorre, com Clarice estendendo as perguntas para o espaço da conversa e Tom Jobim respondendo como quem confia. «Tom, toda pessoa muito conhecida, como você, é no fundo o grande desconhecido. Qual é a sua face oculta?»

A música. O ambiente era competitivo, e eu teria que matar meu colega e meu irmão para sobreviver. O espetáculo do mundo me soou falso. O piano no quarto escuro me oferecia uma possibilidade de harmonio infinita. Esta é a minha face oculta. A minha fuga, a minha timidez me levaram inadvertidamente, contra a minha vontade, aos holofotes do Carnegie Hall. Sempre fugi do sucesso, Clarice, como o diabo foge da cruz. Sempre quis ser aquele que não vai ao palco. O piano me oferecia, de volta da praia, um mundo insuspeitado de ampla liberdade – as notas eram todas disponíveis e eu antevi que se abriam os caminhos, que tudo era lícito, e que se poderia ir a qualquer lugar desde que se fosse inteiro. Subitamente, sabe, aquilo que se oferece a um menor púbere, que o grande sonho de amor estava lá e que este sonho tão inseguro era seguro, não, Clarice? Sabe que a flor não sabe que é flor. Eu me perdi e me ganhei, enquanto isso sonhava pela fechadura os seios de minha empregada. Eram lindos os seios dela através do buraco da fechadura.»



Nem menos, nem mais, direitos iguais

No mês passado, uma escola de Vagos, no norte de Portugal, foi palco de uma manifestação de solidariedade composta por algumas centenas de alunos. Solidarizavam-se com duas raparigas, suas colegas, que foram recriminadas por se beijarem no pátio da escola, algo que não teria acontecido caso se tratasse de um rapaz e uma rapariga. A direção da escola não apreciou a manifestação de solidariedade e ameaçou os estudantes com um processo disciplinar. Na imprensa, várias foram as vozes que discutiram o acontecimento e, no *Jornal de Notícias*, uma crónica de David Pontes resumia assim o sucedido: «Eu vi o futuro a berrar contra o passado e gostei. O futuro nem sempre está certo e o futuro nem sempre é bom, mas anteontem esteve certo e foi bom. Foi, porque estive em sintonia com a humanidade e a tolerância, porque se ergueu em respeito da Constituição portuguesa que no seu artigo 13.º, o do princípio da igualdade, diz no seu ponto 1 que “todos os cidadãos têm a mesma dignidade so-

cial e são iguais perante a lei”. E precisa no ponto 2: “Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual”.» Mais adiante, o cronista afirma a sua confiança nas mudanças em curso na sociedade portuguesa, destacando o muito que se conquistou nos últimos anos no que aos direitos humanos diz respeito:

«Neste futuro que já se vai vendo pelas ruas, há homens de mãos dadas e mulheres que se beijam e ninguém tem nada a ver com isso a não ser para garantir que eles o podem fazer livremente. E não, a escola não tem de ser um palco de exibicionismo hormonal, mas quem nunca beijou que atire a primeira pedra, mas depois fuja, porque há muitos mais que viveram esse despertar da sexualidade na escola onde passam a maior parte da sua vida de jovens. Rapazes e raparigas. Rapazes com raparigas. Rapazes com rapazes. Raparigas com raparigas.»



Hélia Correia, Escritora Galega Universal

A escritora Hélia Correia foi recentemente distinguida como Escritora Galega Universal, uma distinção atribuída pela Asociación de Escritoras e Escritores en Lingua Galega (AELG). Numa entrevista ao jornal *Sermos Galiza*, a autora falou sobre o seu processo de trabalho, a paixão pelos dias de chuva e os interesses que lhe alimentam a escrita. A propósito desta homenagem da AELG, Hélia Correia falou sobre as relações culturais entre Portugal e a Galiza: «(...) eu sei que os meus amigos galegos, escritores e cantores, ollan moito para Portugal e fan o que poden para que haxa intercambio e proxectos comúns. Os portugueses non tanto, eu creo que neste momento da historia están a ollar en direccións diferentes. Os galegos ollan para Portugal e os portugueses están a ollar para Europa, para os países que lles dan subsidios, para os modelos culturais de Europa, queren imitar os países ricos, queren mostrar que están adaptados ás outras culturas e linguas europeas, sobre todo ao inglés.» E, mais adiante, acrescenta

LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA

sobre a importância desta distinção: «Eu acepo premios de amigos e de pares, non acepo premios de empresas e así. Pero esta da Galiza é diferente. Os outros son dados por amigos e este é dado por irmaos. Porque cos meus amigos galegos e coa cultura galega eu sinto unha afinidade moi moi especial, e hai realmente unha relación de irmandade. Somos fillos dos mesmos pais, da mesma lingua, da mesma cultura... Polo tanto é unha prenda moito máis íntima. Non podo ser moito máis afetuosa porque as outras persoas que me queren ofrecer eses outros premios son persoas ás que me liga moito afeto. Pero isto é case biolóxico, porque estamos na mesma familia. Para min é iso, meus irmaos que me chamaron aquí e me puxeron dentro desta festa.»



A literatura portuguesa vista de Madrid

Portugal e a literatura em língua portuguesa estiveram em destaque na mais recente

edição da Feria del Libro de Madrid. No suplemento *Babelia*, do *El País*, Antonio Sáez Delgado escreveu un artigo que percorre a literatura portuguesa contemporánea, fornecendo aos lectores un panorama do que se vai escribendo por cá. «Desde mi lengua se ve el mar». La frase es de Vergilio Ferreira, ha servido para marcar los designios de la historia de la cultura lusitana y sirve aún para imaginar algo así como un mapa líquido de su literatura actual, la que nos llega en la estela de figuras mayores bien conocidas, como José Saramago o António Lobo Antunes, cuyas obras han servido de brújula y guía a varias generaciones de escritores del país vecino. Consultamos la lista de los 10 autores en lengua portuguesa más traducidos a otros idiomas y encontramos esos dos nombres (con lugar de privilegio para el Nobel), junto al eterno Eça de Queirós y al incombustible Fernando Pessoa, el portugués más presente cada temporada en las mesas de novedades. Pero, salvadas esas cuatro referencias, ¿cuáles serían las líneas temáticas de fuerza de la literatura portu-

guesa actual y los autores y obras fundamentales que las alimentan? Miremos ese mar e intentemos encontrar algunas balizas.» As linhas temáticas exploradas por Antonio Sáez Delgado percorrem a Guerra Colonial, a emigração, a relação entre cidade e campo e a reflexão sobre o país, numa lista extensa de prosadores e poetas que publicam nos dias de hoje. «Si a estos elementos unimos una línea de retrato cáustico y humorístico de la sociedad lusa, presente en la narrativa de Mário de Carvalho y Rui Zink; otra de carácter más intimista y simbolista, que toma cuerpo en las obras de Maria Velho da Costa (fundamental su obra *Myra*) o Hélia Correia, y añadimos el elemento cosmopolita constituido por escritores portugueses de origen africano, como Paulo José Miranda u Ondjaki, acabamos por definir el mapa fundamental de las letras lusas, en el que siguen contando con una presencia esencial nombres ya clásicos del último medio siglo, como Lúcia Jorge, Mário Cláudio o Almeida Faria.»

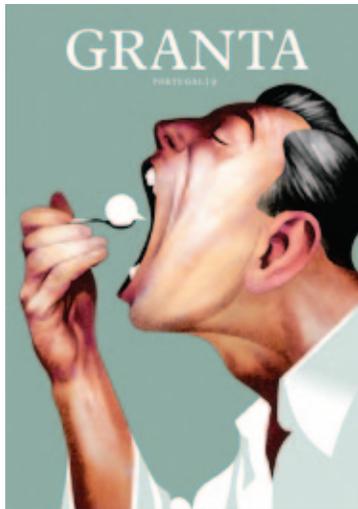


LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA

GRANTA
VVAA
Tinta da China

Páginas que se saboreiam



A edição portuguesa da revista *Granta* tem equilibrado nomes consagrados da literatura nacional e estrangeira e novas vozes, num gesto que resulta sempre em volumes apetecíveis, quase livros antológicos onde a monotonia da recuperação é substituída pela surpresa dos muitos inéditos. O mais recente número da revista tem como tema «comer e beber», duas ações que norteiam parte considerável do nosso quotidiano, independentemente de vivermos em abundância ou privação. Há referências pontuais à bebida, mas é o ato de comer que surge de muitos modos nas quinze narrativas que compõem estas páginas, bem como nas imagens criadas por André Carrilho, que também assina a capa da revista.

A banda desenhada de Filipe Melo e Juan Cavia, que têm vindo a colaborar desde o sucesso da série *Dog Mendoza e Pizzaboy*, continuando a colaboração no álbum *Os Vampiros*, é um dos trabalhos a destacar nesta edição. «Sleepwalk» é uma

daquelas histórias falsamente simples onde a cada passo se revelam pormenores do que poderá vir a ser o grande final. Memórias – associadas ao sabor de uma certa tarde de maçã – e alguns remorsos, a honradez de quem preza o cumprimento da palavra dada, os gestos de cada dia a darem forma a uma história maior, com os seus personagens à deriva na mesma amálgama de sonhos perdidos, tempo a passar e desejos mais ou menos possíveis onde facilmente nos reconhecemos todos, mesmo que em diferentes cenários. As vinhetas desenhadas por Cavia, marcadas pelos tons de ocre e cheios de grão, parecem espalhar a poeira das velhas estradas norte-americanas para o lado de cá do papel, numa composição que revela harmonia plena com o argumento e que contribui sobremaneira para a força desta narrativa, à qual não falta, a fechar, a receita da tarte de maçã que terá dado origem à história.

Há contos de Ana Margarida de Carvalho, Djaimilia Pereira de Almeida, Giles

LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA



Foden, David Mitchell ou Mieko Kawakami, ilustrando o modo como a comida nos define, mesmo quando não temos consciência disso. E há outros modos de alimentar o corpo, como o descrito por Tatiana Salem-Levy no conto «Azeitona verde», onde a amamentação de um filho é o alimento primeiro e também o ponto doloroso de onde partem novos modos de criar a relação entre mãe e filho. Richard Zimler lembra uma refeição hedionda, com um salmão indevidamente preparado que ficou para sempre associado à morte de um irmão, Adília Lopes voga entre a obsessão contemporânea com as calorias e a vontade de viver em paz (contribuindo com uma receita prática sobre como cozer arroz) e Luís Afonso, que conhecemos do *Bartoon*, do jornal *Público*, assina um conto onde comida, criatividade e alguma loucura que redundará em crime são os ingredientes chave.

Alexandra Prado Coelho e Ricardo J. Rodrigues, dois jornalistas (do *Público* e da *Notícias Magazine*, respetivamente)

assinam dois textos essenciais deste número, ambos num registo que oscila entre a crónica e a reportagem, transformando a matéria do passado, da memória e da construção da identidade em belíssimas prosas que confirmam da melhor maneira aquilo que já se sabia: não haverá melhor matéria-prima para nos ficcionarmos do que aquela que podemos ir buscar ao que gostamos de chamar realidade – e que talvez não passe, também, de uma certa forma de ficção.

No prefácio, o editor da revista, Carlos Vaz Marques escreve: «O que comemos, e como comemos, define-nos. Poderia traçar-se o retrato de cada um de nós a partir dos hábitos comensais, de acordo com as idiosincrasias e as diferentes circunstâncias de tempo e de lugar; uma biografia gastronómica, por assim dizer. A literatura já o faz há muito. Desde o início, na verdade.» Nesta *Granta*, continua-se a tarefa e, entre bolos, carnes e memórias de refeições mais ou menos épicas, o resultado é de fazer crescer água na boca.

Meados do século XX: surgem Brasília, o Neoconcretismo, João Cabral. Mas também brota um sertão verdejante, um “monstro” potente, espécie de esfinge – Grande sertão: veredas

SILVIANO SANTIAGO, um dos críticos literários mais originais do Brasil, analisa a obra maior de Guimarães Rosa em seu mais novo livro, **GENEALOGIA DA FEROCIDADE**. Ele observa como as tentativas de domar *Grande sertão: veredas* sempre ignoraram sua complexidade, indócil a definições fixas por ter uma linguagem porosa e potente.

À venda no site da Cepe Editora
www.cepe.com.br



estante

SARA FIGUEIREDO COSTA

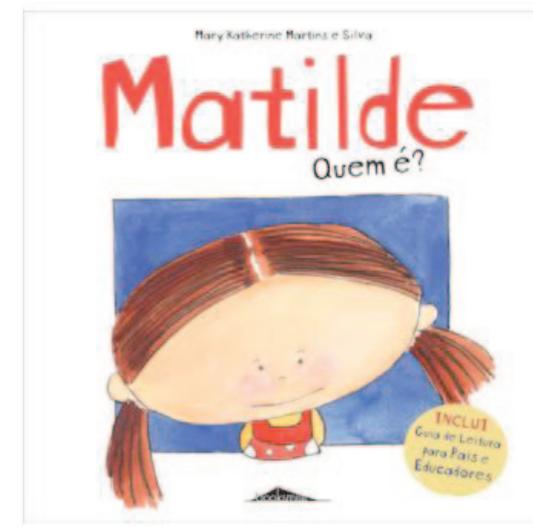
ANDREIA BRITES



Los salmos fosforitos

Berta García Faet
La Bella Varsovia

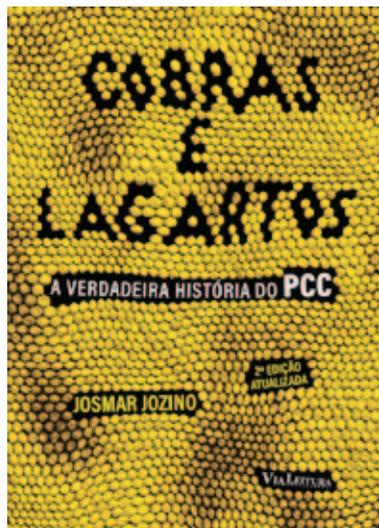
Berta García Faet é uma das vozes a ter em conta na poesia espanhola contemporânea. O seu mais recente livro compõe um monólogo interior por onde passam memórias, dúvidas e a vertigem deste novo século que nos coube viver. «Berta García Faet / vaya usted a saber qué otra cosa qué / otra autopista / estaría haciendo usted buenamente / si no estuviera aquí, escribiendo». SFC



Matilde Quem é?

Mary Katherine Martins e Silva
Booksmile

Matilde é uma menina de dois anos que dá o nome a esta nova coleção. Destinada à primeira infância relata uma sucessão de momentos do quotidiano da menina, apresentando o seu ninho de afetos de forma direta e sintética. O segundo volume dedica-se, seguindo a mesma lógica, à sua primeira experiência no jardim de infância. No final de cada volume apresenta-se um guia para os mediadores, que com ele podem explorar em diálogo e recorrendo à releitura as próprias vivências das crianças. AB



Cobras e Lagartos. A verdadeira história do PCC

Josmar Jozino
Edipro

Originalmente publicado em 2005, este livro é o resultado do trabalho do repórter policial Caveirinha que, depois de ameaçado de morte pelo Primeiro Comando da Capital e silenciado pelos editores que temiam o resultado do seu trabalho jornalístico, decide contar tudo o que foi sabendo sobre a facção criminosa brasileira, uma das maiores organizações ilegais do país. SFC



Palavras-chave

João Manuel Ribeiro
Constança Araújo Amador
Trinta por uma linha

Que sentido tem a palavra palavra? Até onde se pode multiplicar em significados e imagens? Que valor e valores assume? É este o caminho trilhado por João Manuel Ribeiro em associações diversas, que ora se apresentam rimadas ora sem rima, ora ao longo de várias estrofes, ora aforísticas. A tipografia acompanha o leitor nesta sucessão de surpresas e reflexões, surgindo inesperadamente em grandes dimensões para logo na página seguinte recuperar a forma anterior, reforçando o efeito de ritmo e de espanto. AB



Deserto e Nuvem

Francisco Sousa Lobo
Chili Com Carne

Dois livros complementares onde a banda desenhada é a linguagem utilizada para examinar a vida quotidiana no convento da Cartuxa, em Évora, onde a comunidade monástica vive em reclusão com voto de silêncio. *Deserto* regista a vivência na Cartuxa ao longo de uma semana e *Nuvem* recolhe correspondência trocada com um monge cartuxo. SFC



O rapaz que conheceu o homem que carregava pedras

Marco Taylor
Edição de autor

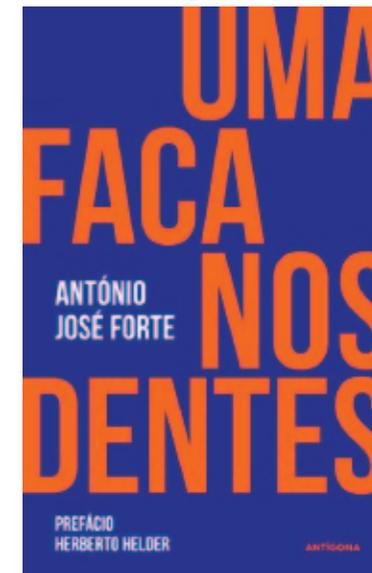
Nesta nova narrativa ilustrada, um homem tem um dom cospe pedras que depois carrega às costas. As pedras são preocupações e o ponto de partida, poético e reflexivo, é justamente a expressão popular “atirar os problemas para trás das costas”. Esse desprendimento perde força à medida que uma amizade começa e pouco mais se sabe pelo narrador, que se limita a contar episódios e memórias. Todavia, é neste entretecer pouco linear que nascem suspensões e interrogações, as que alimentam a própria narrativa. AB



Uma Volta ao Mundo Com Leitores

Sandra Barão Nobre
Relógio d'Água

Uma longa viagem pelo mundo é o que se regista neste livro, sempre com o olhar afinado para encontrar leitores e modos de ler em todas as geografias. Fragmentos do diário, entrevistas e narrativas de viagem dão a ler um pouco do que foi o percurso da autora, também responsável pelo blog *Acordo Fotográfico*, onde livros e leitores se encontram com regularidade. SFC



Uma Faca nos Dentes

António José Forte
Antígona

Há muito desaparecido das principais livrarias portuguesas, o livro de António José Forte é agora reeditado pela Antígona, com prefácio de Herberto Helder que descreve bem a poesia do autor: «a voz de António José Forte não é plural, nem direta ou sinuosamente derivada, nem devedora. Como toda a poesia verdadeira, possui apenas a sua tradição. A tradição romântica, no menos estrito e mais expansivo e qualificado registo.» SFC



Casa
Fernando
Pessoa

Quarto · *Room*
Sala Multimédia · *Multimedia Room*
Biblioteca · *Library* · Livraria · *Bookshop*
Restaurante · *Restaurant*



CASAFERNANDOPESSOA.PT



Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado

Abr a Set —

10h às 13h /

15h às 19h

Out a Mar —

10h às 13h /

15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10
ANOS
YEARS
ANOS



Fundação
José Saramago



**Sara
Figueiredo
Costa**

**Cromos e estampas
da**

feira

**do
livro de lisboa**

Em 1930, era a Semana do Livro. No Rossio, em Lisboa, meia dúzia de barraquinhas exibiam livros sob o olhar atento de quem passava e a organização era da Associação da Classe de Livreiros de Portugal. 87 anos depois, quase tudo mudou no mundo da edição e venda de livros e a Feira do Livro de Lisboa ocupa o Parque Eduardo VII com centenas de pavilhões, uma programação que inclui lançamentos de livros, mas também animação infantil, concertos, exposições culinárias e toda a espécie de entretenimento mais ou menos associado ao livro. Pelo meio, houve mudanças de local, entre a Praça do Comércio, a Rua Augusta e a Avenida da Liberdade, trocas de pavilhões (os anteriores eram de chapa e muitos ainda os recordam pelo calor infernal nas horas de sol), um processo de concentração editorial que alterou a paisagem editorial portuguesa e uma cisão que dividiu os editores, a maioria continuando a integrar a Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL, sucessora da Associação da Classe de Livreiros de Portugal), muitos criando a União dos Editores Portugueses. E houve, também, propostas para retirar a Feira do local onde atualmente se instala, com muitas

vozes discordantes, tantas que em 2004 se publicou um livrinho onde vários autores exprimiam o seu desagrado pela possibilidade de a Feira sair do Parque Eduardo VII. Chamava-se *Os Livros no Parque*, e resultou do trabalho coletivo das editoras Afrontamento, Antígona, Assírio & Alvim, Climepsi, Cotovia, Meribérica-Liber, Relógio D'Água e Teorema. Tudo isso é passado e a Feira do Livro continua imponente e imune às mudanças que a enformam. Certo é que em junho o Parque se enche de barraquinhas, agora modernas e modulares, e que o cheiro das farturas se há de misturar com o dos jacarandás e da tinta durante mais de quinze dias.

Quem vem à Feira escolhe um método para a visitar ou prefere deambular sem destino definido. Ao fim de semana, já se sabe, há enchentes de caçadores de autógrafos, gente disfarçada de personagens de animação infantil e toda a espécie de atividades, muitas delas sonoras, sobrepondo vozes numa algarviada que incomoda alguns e fascina outros. Com a moda da gastronomia e do gourmet, as farturas e as bifanas têm agora a companhia de roulotes variadas vendendo tacos, caril, iogurte gelado, batatas fritas

com molhos exóticos e, pasme-se, farturas gourmet (não sabemos o que são...). Acima de tudo, há livros e gente que os folheia, procura e compra. E há personagens que se repetem ano após ano, dos editores que não falham a presença aos livreiros que vêm tentar perceber como se podem vender livros tão baratos se a sua margem é tão pequena, passando pela senhora que vende livros de poesia auto-editados, pelos recoletores de assinaturas para causas diversas ou pelos leitores que insistem em procurar um livro cujo título não recordam, também não sabem bem quem é o autor e nem suspeitam do nome da editora.

Pode-se começar a visita pela banda da APEL e pedir um mapa da Feira. Está lá tudo indicado, entre chancelas editoriais, livrarias e espaços de lazer, e o mapa cumpre a sua função. Também se pode procurar um mapa alternativo e para isso é preciso ter a sorte de encontrar o ilustrador Alexandre Esgaio, também trabalhador da editora Antígona, que faz a Feira há uns quinze anos. É da sua autoria um mapa que a APEL não fornece, mas que os leitores poderão adquirir em troca de uma moeda de dois euros, o preço da edição especial do fanzine *É Fartar Vilanagem* dedicado à

Feira do Livro. Este mapa não serve para encontrar pavilhões ou livros, mas é um contributo inestimável para observar e compreender os frequentadores da Feira.

Alguém que passa várias horas num pavilhão da Feira do Livro tem um posto de observação privilegiado para os milhares de pessoas que por ali passam. Como explica Alexandre Esgaio, numa pausa da venda de livros no Pavilhão da Antígona, «estás aqui horas e horas a ver as pessoas passar e a própria barraquinha funciona como uma tela, a abertura faz uma espécie de moldura que enquadra as pessoas. E todos os anos há gente que se repete e é quase como se estivéssemos a ver uma série, sabendo que o próximo episódio há de regressar no ano seguinte. Adoro o ambiente de Feira e ver esta gente toda, conhecidos e desconhecidos.» Na legenda do mapa podemos encontrar os «pseudo-intelectuais pretensiosos», «os maluquinhos dos marcadores», «os maluquinhos dos catálogos», a «fã com a bibliografia completa do autor para autografar» ou as «pessoas perdidas». Também há «conspirações de editores», «livreiros que são vendedores natos» e um «livreiro prestes a esventrar os idiotas das mãos sujas» (de farturas). A linha

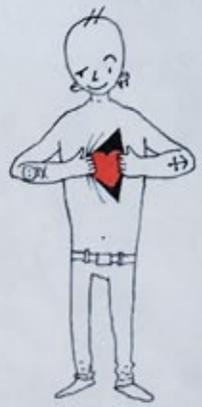
É FARTAR VILANAGEM!
HORS-SÉRIE #2

FEIRA DO LIVRO



- 22. OS PSEUDO-INTELECTUAIS PRETENSIVOS QUE PULULAM PELA FEIRA
- 23. OS MALUQUINHOS DOS MARCADORES
- 24. OS MALUQUINHOS DOS CATÁLOGOS
- 25. O CAUTELEIRO COM PROBLEMAS DE DICÇÃO
- 26. AS ROULETES DE HAMBURGERS E CERVEJA
- 27. OS VERDADEIROS TRABALHADORES DA FEIRA QUE TENTAM EVITAR A TODO O CUSTO QUE OS STANDS SE DESMONTEM
- 28. EQUIPAS DE REPORTAGEM ALTAMENTE INTRUSIVAS. CUIDADO COM ELAS!
- 29. AS FREIRAS
- 30. O MALUQUINHO DAS REDES SOCIAIS PRONTO A "POSTAR" FRENETICAMENTE TODO O QUE VÊ
- 31. BETINHOS QUE SE VÊM MISTURAR COM OS NATIVOS
- 32. FÃ COM A BIBLIOGRAFIA COMPLETA DO AUTOR PARA AUTOGRAFAR
- 33. AS BOAZONAS QUE SE PAVONEIAM PELA FEIRA
- 34. A MALTA QUE SE FICA PELA REIWA
- 35. UM DOS PASSEMPAS PREFERIDOS DOS LIVREIROS: GOZAR COM OS VISITANTES
- 36. O HIPSTER
- 37. EXISTEM MUITOS MALUQUINHOS DESTES PELA FEIRA, UI UI...
- 38. OS IRRITANTES DAS FACTURAS
- 39. OS PÁSSAROS
- 40. PUTO QUE POR TER LIDO 3 LIVROS ANTI-SISTEMA SE ACHA O MAIOR REVOLUCIONÁRIO
- 41. OS ABELHUDOS DA ASAE
- 42. O PESSOAL DO JOGGING

MARIA
MACAREU
PRODUÇÕES



MARIA
MACAREU.
BLOGSPOT.
COM

STRAIGHT
FROM THE
HEART

MACAREU73
@GMAIL.
COM

É FARTAR VILANAGEM!
HORS-SÉRIE #2

FEIRA DO LIVRO



43. O ALGODÃO DOCE
44. A SENHORA DOS COLLIES
45. OS CICLOCHATOS
46. AQUELES QUE SE APROVEITAM DA FEIRA PARA FAZER CAMPANHA POLÍTICA
47. OS ALTIFALANTES A DEBITAREM AS MESMAS DUAS VOZES DESDE SEMPRE
48. OS JACARANDÁS
49. OS NEO-FOTOGRAFOS QUE BROTAM POR TODO O LADO
50. ESCUTEIROS A IMPINGIR TRALHA E OUTRAS INUTILIDADES
51. O GAJO DE GABARDINE COM ASPECTO DUVIDOSO
52. OS MIUDOS PERDIDOS
53. CONSPIRAÇÃO DE EDITORES
54. AS FILAS PARA OS AUTOGRAFOS.
55. A ANGÚSTIA DO ESCRITOR PERANTE A AUSÊNCIA DE FÃS.





ESTE GAJO COMEU O LOBO!

DEVOLVE O NOSSO AMIGO

VOTA EM MIM!
a minha mãe vota

TEM MARCADORES?

QUERIA UMA FACTORA PR LIVRO SE FAZ FAZ

TEM CATÁLOGOS?

...MAS TODO COMEÇO NO VERÃO DE 1980, QUANDO AINDA

CONSTANÇA, ZE MARIA, TATA E SANTIAGO CUIDADO COM AS PESSOAS.

OLHA O SHESHENTA E NOVE!

E EU QUE SÓ QUERIA SABER ONDE FICAVA O W.C.

NÃO SEI O TÍTULO DO LIVRO MAS A CAPA É AZUL E AS LETRAS SÃO VERMELHAS.

NÃO TEM EM FINLANDES?! É QUE EU SÓ LEIO NO ORIGINAL.

OLHA ESTE.

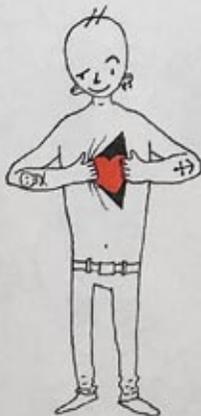
QUEM É O AUTOR?

Não sei!

1. AS MASCOTES QUE CIRCULAM PELA FEIRA.
2. LIVREIRO DE ÓCULOS DE SOL QUE IGNORA OS CLIENTES
3. FAMÍLIAS ESPALHANDO HARMONIA PELA FEIRA
4. A ANGÚSTIA DO ESCRITOR PERANTE A FILA INTERMINÁVEL DE FÃS.
5. AMORES DE FEIRA
6. IDIOTAS A COMER FARTURAS E A SUJAR OS LIVROS COM AS MÃOS CHEIAS DE ÓLEO.
7. PEDRO. PERSONAGEM INCONTORNÁVEL DA FEIRA DO LIVRO. CONHECE TODOS E TODOS O CONHECEM. SE PRECISA DE ALGUMA INFORMAÇÃO É A PESSOA CERTA PARA FALAR.
ATENÇÃO: TOMAR EM DOSES REDUZIDAS
8. LIVREIROS QUE ABANDONAM OS STANDS PARA ESTAR NAS ROULOTES A BEBER CERVEJA
9. O STAFF DA APEL
10. OS HABITUAIS LADRÕES DA FEIRA
11. OS TURISTAS
12. PESSOAL QUE VEM À FEIRA ROUBAR CAIXAS DE CARTÃO
13. LIVREIROS QUE SÃO VENDEDORES NATOS
14. DISPUTA DE LUGAR NA FILA DE AUTOGRAFOS
15. PESSOAS PERDIDAS
16. A CHUVA. UMA PRESENÇA ASSÍDUA
17. O RUIDO PROVOCADO PELOS ENCONTROS CÂINOS
18. ENCONTROS ANUAIS
19. O LIVREIRO PRESTES A ESVENTRAR OS IDIOTAS DAS MÃOS SUJAS.
20. GERIÁTRICOS E AS SUAS HISTÓRIAS INTERMINÁVEIS.
21. VISITANTES DESORIENTADOS COM O MAPA E A NUMERAÇÃO DOS STANDS

22. OS PSEUDO-INTELLECTUAIS PRETENSIVOS QUE PULULAM PELA FEIRA
23. OS MALUQUINHOS DOS MARCADORES
24. OS MALUQUINHOS DOS CATÁLOGOS
25. O CAUTELEIRO COM PROBLEMAS DE DICÇÃO
26. AS ROULOTES DE HAMBURGERS E CERVEJA
27. OS VERDADEIROS TRABALHADORES DA FEIRA QUE TENTAM EVITAR A TODO O CUSTO QUE OS STANDS SE DESMONTEM
28. EQUIPAS DE REPORTAGEM ALTAMENTE INTRUSIVAS. CUIDADO COM ELAS!
29. AS FREIRAS
30. O MALUQUINHO DAS REDES SOCIAIS PRONTO A "POSTAR" FRENÉTICAMENTE TODO O QUE VÊ
31. BETINHOS QUE SE VÊM MISTURAR COM OS NATIVOS

MARIA
MACAREU
PRODUÇÕES



MARIA
MACAREU.
BLOGSPOT.
COM

STRAIGHT
FROM THE
HEART

MACAREU73
@GMAIL.
COM

32. FÃ COM A BIBLIOGRAFIA COMPLETA DO AUTOR PARA AUTOGRAFAR
33. AS BOAZONAS QUE SE PAVONEIAM PELA FEIRA
34. A MALTA QUE SE FICA PELA REIVA
35. UM DOS PASSEMPAS PREFERIDOS DOS LIVREIROS: GOZAR COM OS VISITANTES
36. O HIPSTER
37. EXISTEM MUITOS MALUQUINHOS DESTES PELA FEIRA, VI VI...
38. OS IRRITANTES DAS FACTURAS
39. OS PÁSSAROS
40. PUTO QUE POR TER LIDO 3 LIVROS ANTI-SISTEMA SE ACHA O MAIOR REVOLUCIONÁRIO
41. OS ABELHODOS DA ASAE
42. O PESSOAL DO JOGGING

43. O ALGODÃO DOCE
44. A SENHORA DOS COLLIES
45. OS CICLOCHATOS
46. AQUELES QUE SE APROVEITAM DA FEIRA PARA FAZER CAMPANHA POLÍTICA
47. OS ALTIFALANTES A DEBITAREM AS MESMAS DUAS VOZES DESDE SEMPRE
48. OS JACARANDÁS
49. OS NEO-FOTOGRAFOS QUE BROTAM POR TODO O LADO
50. ESCUTEIROS A IMPINGIR TRALHA E OUTRAS INUTILIDADES
51. O GAJO DE GABARDINE COM ASPECTO DUVIDOSO
52. OS MIUDOS PERDIDOS
53. CONSPIRAÇÃO DE EDITORES
54. AS FILAS PARA OS AUTOGRAFOS.
55. A ANGÚSTIA DO ESCRITOR PERANTE A AUSÊNCIA DE FÃS.

É FARTAR VILANAGEM!
HORS-SÉRIE #2

FEIRA DO LIVRO



clara e o aproveitamento meticuloso do espaço da folha permitem que todos estes personagens encontrem o seu lugar entre pavilhões, áreas relvadas e espaços de comida. Percebe-se, pela escolha destas autênticas figuras-tipo com ecos de Gil Vicente contemporâneo, que o autor conhece bem não apenas o ambiente da Feira, mas as pessoas que a montante ajudam à sua existência. «Conhecemo-nos todos: editores, livreiros e toda a gente que trabalha direta ou indiretamente com eles. Vemo-nos regularmente durante o ano, mas a Feira é um ponto de encontro, especialmente na montagem, um momento que o público não acompanha e que acontece uns três ou quatro dias antes da abertura da Feira, com um ambiente que é espetacular. Ficamos aqui até tarde, conversamos, trabalhamos, bebemos uns copos, é muito bom. Depois, durante a Feira, há pessoas que chegam aqui passado uns tempos e juram que encontraram algumas das pessoas desenhadas no mapa e que nunca tinham reparado nelas antes. Se calhar, toda a gente repara, o que eu fiz foi condensar uma série de pessoas que funcionam como personagens muito características da Feira.»

O «staff da APEL» também integra este mapa, as-

sim como «os abelhudos da ASAE». Entre as funções de uns e outros estará a de garantir que não há livros a serem vendidos a preços inferiores aos permitidos pela Lei do Preço Fixo, algo que todos os anos motiva queixas de alguns livreiros. Com as mudanças do mercado editorial nos últimos anos, a Feira transformou-se numa livraria ao ar livre, dominada pelas novidades e pelos lançamentos. Os fundos de catálogo perderam a importância que tinham e em muitos pavilhões é difícil encontrar livros antigos das respetivas editoras, mesmo que estes não estejam esgotados. Para Alexandre Esgaio, essa deveria ser a principal função deste espaço: «A Feira do Livro devia ser sobretudo os fundos de catálogo, mesmo havendo espaço para descobrir novidades e boas promoções, porque uma pessoa vai à livraria e não há fundos de catálogo, com exceção de algumas livrarias especiais. Somos invadidos por novidades, de mau gosto ou não, que ficam na livraria uma semana e aqui deveria ser possível encontrar o que foi ficando perdido. Muita gente vem à procura disso, com a lista dos livros que estão em falta na coleção.» Quanto às queixas de alguns puristas dos livros, que não veem com bons olhos a

mistura de arraial popular (e os Santos começam em plena Feira) com montra bibliográfica, o ilustrador que também vende livros é muito claro: «Imperial e fartura, tem de haver, porque faz parte do convívio. Estas barraquinhas de comida vieram trazer mais pessoas, que ficam mais tempo porque têm o que comer, mas imperial e farturas é essencial, até para termos estas pessoas que passam por aqui a sujar os livros com as mãos gordurosas das farturas... É um momento em que trememos, mas faz parte da Feira.»

Já num dos topos da Feira, quase à saída, um homem de fato grosso e casaco apertado percorre atentamente os caixotes das promoções debaixo de um sol abrasador, arrastando uma mala de viagem com rodas. Podia ser alguém em trânsito para o aeroporto, mas quando abre a mala vislumbram-se as dezenas de lombadas que espreitam e percebe-se que será um bibliófilo legítimo. Merecia presença de destaque numa próxima edição deste mapa alternativo, logo depois de se aferir a sua opinião sobre as farturas.

Nota:

a edição especial do *É Fartar Vilanagem* dedicada à Feira do Livro não se encontra facilmente nas livrarias. Para a adquirir, o melhor é escrever diretamente ao autor, que também é o editor: macareu73@gmail.com

CEM ANOS DE SOLIDÃO, CINQUENTA ANOS DEPOIS

António
Mega
Ferreira

Há cinquenta anos, no verão de 1967, saía em Buenos Aires, com a chancela da Editorial Suda-mericana, um romance denso e surpreendente de um escritor colombiano que, até então, era mais conhecido nos meios literários latino-americanos do que no seu próprio país. O livro chamava-se *Cem anos de solidão* e vinha assinado por Gabriel García Márquez (1927-2014), que fora jornalista em Bogotá, em Paris e em Nova Iorque, autor de uma primeira obra-prima mais ou menos ignorada, *Ninguém escreve ao coronel*, e, sobretudo, de um volume de contos enigmático e fantástico, *Os funerais da*

Mamã Grande, que constitui um primeiro ensaio para os temas e figuras que iria desenvolver no livro de 1967. Quando apareceu à luz do dia, *Cem anos de solidão* teve uma primeira tiragem de 8.000 exemplares, o que era risco e aposta no mercado sul-americano. Mas a verdade é que, antes mesmo de sair, publicitado por escritores como Carlos Fuentes e Vargas Llosa, que já o tinham lido e saudado como obra fundadora de uma nova visão literária latino-americana, a edição já estava colocada, por força dos pedidos vindos de todo o país. A primeira tiragem esgotou-se em poucas semanas.

O enorme e imediato sucesso de *Cem anos de solidão* apanhou Gabo de surpresa. No final desse ano, chegaria esbaforido a Barcelona, onde já se encontravam alguns dos seus amigos literários: vinha perseguido pela fama, que não lhe permitia nem privacidade nem tempo para escrever. Mais tarde, consideraria que havia na sua vida um antes e um depois, e que grande parte do depois fora gasto a tentar esquecer o romance que escrevera, de tal forma ele lhe tornou a vida insuportável. A verdade é que *Cem anos de solidão* se transformou num mito literário do nosso tempo, gerando toda uma galeria de referências progressivamente assimiladas como *topoi* do discurso mediático sobre a literatura contemporânea. Sobretudo, o livro de García Márquez deu o tiro de partida para a emergência de um fenómeno literário-editorial a que se chamou, quase imediatamente, o boom latino-americano. Curiosamente, o *boom* foi alavancado não a partir da Cidade do México ou de Buenos Aires, mas de Barcelona, onde a determinação do editor Carlos Barral e a habilidade negociada da agente literária Carmen Balcells deram ao fenómeno potenciado pelo romance de Gabo as auras de um movimento literário de aspeto e características relativamente homogêneas – que era, exatamente, o contrário do que propunham cada

um dos quatro grandes nomes apresentados como corifeus do movimento: García Márquez, Mario Vargas Llosa, Carlos Fuentes e Julio Cortázar.

Barral tinha uma política editorial: queria demonstrar que a língua abarca todo o território de fala hispânica, a mancha de que fala Carlos Fuentes, e procurava no Chile, no Paraguai, no Uruguai, na Colômbia... Era o editor das duas margens do oceano Atlântico. Para dar corpo à sua visão, Carlos Barral dispunha de um instrumento privilegiado: a casa editora Seix Barral, um negócio de família, da qual se tornou o principal animador em finais da década de cinquenta. Desde o início dos anos de 1960 que Barral vinha a dar atenção aos escritores latino-americanos: em 1963, publicara o romance de estreia de Vargas Llosa, *A cidade e os cães*, que muitos consideram o verdadeiro momento zero do boom latino-americano; e no ano seguinte editara o cubano Guillermo Cabrera Infante, que muito cedo se distanciou dos escritores do boom, embora tenha também beneficiado da exposição internacional da sua geração. Um a um, os nomes que hoje reconhecemos como os protagonistas desta novela literária vieram a entrar no catálogo da Seix Barral.

Por seu lado, Carmen Balcells era uma mulher determinada, que acreditava no sucesso das suas intuições literárias e foi capaz de construir uma rede de apoio e promoção dos escritores hispano-americanos praticamente sem equivalente em qualquer outro mercado editorial. Importou do mercado anglo-americano a figura do agente literário, muito pouco comum na vida editorial europeia, partindo do pressuposto bastante razoável de que os autores têm mais em que pensar do que nos seus interesses materiais imediatos. E pôs-se a representar escritores atraídos pela sua eficácia negocial e pela atenção pessoal com que acompanhava a vida, tantas vezes difícil, dos que se propunha agenciar. Com isso, acabou por alterar definitivamente a relação entre os autores e os editores, à escala global.

Em termos de perceção pública internacional, o boom alicerçou-se no sucesso instantâneo que acolheu a publicação do romance de García Márquez. E este deu origem a uma espécie de sensibilidade literária a que se convencionou chamar realismo mágico, expressão já antiga, antes aplicada a outras realidades literárias que nada tinham a ver com mundo e as formas de *Cem anos de solidão*. Mas vale a pena internarmo-nos um pouco no sentido desta etiqueta que foi colada a Gabo e que ele, verdade seja dita, nunca rejeitou. Para o que aqui nos

interessa, aceitaremos a designação de realismo mágico para caracterizar, ainda que de forma muito aproximativa, a ficção que se produziu tendo por espaço de representação o território hispano-americano situado a norte do equador, entre a Colômbia e o México, em torno do vasto mar do Caribe (ou das Caraíbas, como tradicionalmente dizemos em Portugal). E tomaremos como sua génese «o fosso entre os sistemas de crenças (belief systems) de dois grupos muito diferentes de pessoas. Aquilo que para um habitante do chamado Primeiro Mundo é mágico (uma mulher que ascende ao céu, fantasmas que voltam à terra, padres que levitam, ciganos que se diluem numa mancha de alcatrão) é real e irrelevante para o habitante do chamado Terceiro Mundo. Para mantermos a simetria, aquilo que para os habitantes do Terceiro Mundo é mágico (as dentaduras postiças, os ímanes, os filmes, o comboio, o gelo) é real e irrelevante para o habitante do chamado Primeiro Mundo». Podemos dizer, para simplificar as coisas, que a ficção de García Márquez é realista e é mágica, conforme a procedência cultural e geográfica do leitor. A sua arte está em ter tornado estas categorias interpenetráveis, contaminando-se uma à outra, de tal forma que, por fim, não sabemos o que é real e o que é mágico – e o nosso sistema de crenças é posto em causa. Na



longa entrevista que concedeu ao seu confrade e amigo Plinio Apuleyo de Mendoza, o escritor comenta da seguinte forma a ideia de que os seus leitores europeus veem nos seus romances a magia mas ignoram o que neles é realidade: «o seu racionalismo impede-os de ver que a realidade não termina no preço dos tomates e dos ovos.» E, adiante, concluindo uma lista de exemplos de acontecimentos extraordinários que fazem parte do quotidiano latino-americano: «Conheço simples gente do povo que leu *Cem anos de solidão* com muito prazer e com muito cuidado, mas sem surpresa nenhuma, pois ao fim e ao cabo não lhes conto nada que não se pareça com a vida que eles vivem.»

A chave do sucesso do romance bem pode residir no estilo que García Márquez adotou para contar a história de Macondo e da família Buendía. As suas primeiras obras (*La hojarasca* e *Relato de um naufrago*, de 1955, e *Ninguém escreve ao coronel*, de 1961) eram escritas num estilo conciso e objetivo, muito visual, trazido da sua intensa prática jornalística e da sua cinefilia militante; mas «em *Cem anos de solidão* precisava de uma linguagem mais rica para dar entrada a essa outra realidade, que concordámos em chamar mítica ou mágica», contou ele a Plinio Apuleyo de Mendoza.¹ A inspiração desse estilo, que

é de enorme fluidez narrativa (a escrita aparece-nos quase como um efeito da realidade contada), encontrou-a García Márquez numa memória de infância: era assim que a avó narrava as suas histórias. Um primeiro ensaio dessa maneira de contar encontra-se nos contos de *Os funerais da Mamã Grande*, de 1962, nos quais irrompe essa fabulosa figura que há de ser desenvolvida no romance publicado cinco anos depois. O último relato, que dá o título ao livro, conta a história fabulosa da Mamã Grande, «soberana absoluta do reino de Macondo, que viveu em função de domínio durante noventa e dois anos e morreu em odor de santidade numa terça-feira de setembro passado e a cujos funerais veio o sumo pontífice.» Tão fantástico como o incrível concurso de personalidades que vão parar a Macondo para os funerais da matriarca (do Presidente da República e do Papa até aos ladrões, contrabandistas e prostitutas que se cruzaram em vida com a Mamã Grande), é o rol dos bens que ela julgava moralmente possuir, cuja enunciação dura, segundo a narrativa, umas três horas: estendiam-se por cinco municípios, tocavam 352 famílias e incluíam a «riqueza do subsolo, as águas territoriais, as cores da bandeira, a soberania nacional, os partidos tradicionais, os direitos do homem,

¹ *O aroma da goiaba*, Lisboa, D. Quixote, 2005

as liberdades dos cidadãos, o primeiro magistrado, a segunda instância, a terceira discussão, as cartas de recomendação, as contingências históricas, as eleições livres...» Numa formulação feliz, o seu companheiro dos primeiros tempos, o peruano Mario Vargas Llosa escreveu: «*Lendo Cem anos de solidão e O amor nos tempos de cólera* invade-nos a certeza que só contadas com aquelas palavras, aquele gosto e aquele ritmo, essas histórias resultam credíveis, verosímeis, fascinantes, comovedoras; que, separadas delas em contrapartida, não nos teriam podido enfeitiçar como fazem, porque essas histórias são as palavras que as contam.»

García Márquez fez de *Cem anos de solidão* «uma história linear onde com toda a inocência o extraordinário [entra] no quotidiano», como contou na mesma conversa. Esta focalização no quotidiano é o que o conduz a essa «exuberante enumeração de objetos materiais que dá ao mundo ficcional de García Márquez uma textura barroca sensual, ornamental, dinâmica, teatral», observou a especialista da obra de Gabo, Lois Parkinson Zamora. E acrescenta: «o seu realismo é barroco por natureza e a magia do seu realismo deriva de uma visão da realidade que é, no essencial, barroca.» A etiqueta de «realismo mágico» vem daí, podemos concluir.

Foi no México, e durante uma viagem para Acapulco, que lhe ocorreu a frase que viria a ser o início de *Cem anos de solidão*: «Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que o pai o levou a conhecer o gelo.» A frase tornar-se-ia quase instantaneamente um dos mais célebres princípios de romance da história da literatura ocidental; nesse dia, diz a lenda, teve o efeito de o levar a dar meia volta e voltar para a Cidade do México, onde começou a escrever febrilmente o romance. Mas o seu biógrafo oficial, Gerald Martin, corrige esta informação dada pelo próprio García Márquez: segundo ele, a viagem continuou até Acapulco, embora, preso de uma excitação criativa febril, o escritor quase não tenha ligado à mulher e aos filhos, durante aquele período de férias.

Cem anos de solidão **2** conta a fundação, ascensão e queda da pequena povoação de Macondo, situada algures na província de Magdalena, ainda distante do mar mas banhada por um rio «de águas transparentes que se precipitavam por

2. A descrição, sintética embora, de *Cem anos de solidão* e *O amor nos tempos de cólera* retoma o texto da minha conferência "García Márquez ou o nascimento de um mito literário", publicado em *Viagens à ficção hispano-americana*, Lisboa, Arranha-céus, 2015.

um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos». Esta frase é retomada, *ipsis verbis*, para caracterizar o rio que atravessa a sua Aracataca natal, na sua magnífica autobiografia, *Viver para contá-la*. Mas a história do lugar é contada através de sete gerações que começam com os fundadores José Arcadio Buendía e Úrsula Iguarán, que eram primos, e se prolongam até ao último rebento da estirpe, o azarado Aureliano, filho de Amaranta Úrsula e Aureliano Babilónia, que violam o interdito da consanguinidade, porque ela era tia dele, embora não o soubessem. O filho que engendram, o pobre Aureliano, nasce com um rabo de porco tal como previra o cigano Melquíades, depositário do segredo da família. Este Melquíades, figura omnipresente que faz as vezes de mago e de sábio, foi o introdutor em Macondo das maravilhas do progresso: os ímanes, o óculo de longo alcance, a lupa, o astrolábio e, até, o laboratório de alquimia, tudo coisas que incendiaram a «imaginação desaforada» de José Arcadio, o primeiro da estirpe, fundador do lugar e seu principal dinamizador. Mas Melquíades é também o autor metucioso, por antecipação, da crónica da família Buendía e a decifração dos seus manuscritos escritos em sânscrito per-

mite a Aureliano Babilónia, pai do último Aureliano, perceber finalmente que a sua é a última florescência da árvore familiar. Seis gerações depois do primeiro José Arcadio, com a morte do último dos Aurelianos, extingue-se a família e a razão de ser de Macondo:

«estava previsto que a cidade dos espelhos (ou das miragens) seria arrasada pelo vento e desterrada da memória dos homens no momento em que Aureliano Babilonia acabasse de decifrar os pergaminhos e que tudo o que neles estava escrito era irrepitível desde sempre e para sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a Terra.»

A figura tutelar que atravessa o romance é a fundadora Úrsula Iguarán (o mesmo apelido da mãe de García Márquez), que vive mais de cem anos e preside à sucessão de desastres, descatos e desencontros através dos quais se perpetua e consome a família Buendía. É a ela que cabe, nas suas próprias palavras, ser «a voz da razão de uma família de loucos». No universo de García Márquez, «as mulheres



mantêm a ordem da espécie com punho de ferro, enquanto os homens andam pelo mundo empenhados em todas as loucuras infinitas que impelem a História.» O escritor sustenta a ideia, algo discutível, de que, se tivessem a noção da História, as mulheres não poderiam cumprir «a sua função primordial de perpetuar a espécie.»

Mas a referência fundamental do livro é a figura enigmática e extraordinária do coronel Aureliano Buendía, um dos três filhos da matriarca, o herói vencido de trinta e dois levantamentos militares e singular veterano que desiste da política para se meter em casa e dedicar o resto da vida a um ofício doméstico. Conta García Márquez:

«Teve dezassete filhos varões de dezassete mulheres diferentes, que foram exterminados, um após outro, numa única noite, antes de o mais velho fazer trinta e cinco anos. Escapou a catorze atentados, a setenta e três emboscadas e a um pelotão de fuzilamento. Sobreviveu a uma dose de estricnina no café que teria chegado para matar um cavalo [...] Chegou a ser comandante-geral das forças revolucionárias, com jurisdição e poder de uma fronteira à outra e o homem mais temido pelo Governo, mas nunca permitiu que lhe tirassem uma fotografia. Declinou a

pensão vitalícia que lhe propuseram e viveu até à velhice dos peixinhos de ouro que fabricava na sua oficina de Macondo.»

Este retrato em duas penas aparece por volta da página 80 do romance e introduz toda a longa secção em que se relata a vida militar aventureira de Aureliano Buendía, declinada em evasões mirabolantes, caminhadas sem rumo, decisões táticas inesperadas e feitos extraordinários, como o da tomada de Macondo à frente de uma milícia de mil homens. O coronel bate-se durante vinte anos pelo partido liberal, mas é perceptível o aborrecimento progressivo que lhe causam as manobras dos políticos engendradas nos bastidores do poder, lá longe, na capital do país. O coronel é uma espécie de rebelde sem causa, terçando armas mais por fidelidade a um destino do que por força de uma convicção. E quando finalmente se cansa, assinado o armistício que põe termo à guerra e frustrada uma tentativa de suicídio que teria aquietado o seu espírito torturado, regressa a casa e remete-se ao silêncio dos seus trabalhos de ourives, longe do fragor das batalhas e da imprevisibilidade dos caminhos. Tal qual o avô

de García Márquez, também ele coronel retirado e entregue à arte da ourivesaria que aprendera na infância.

O coronel Aureliano Buendía e o seu irmão José Arcadio obedecem a um paradigma identificado por Úrsula na sua descendência: os Aurelianos são introvertidos, especulativos, ensimesmados; os José Arcadios são expansivos, cheios de iniciativa, aventureiros. Têm em comum, todos eles, essa estranha insónia familiar que torna os dias insuportavelmente longos e as noites um território de vigília e de sonhos mais reais que a própria realidade, doença que partilham com os restantes habitantes de Macondo. Cabe aqui um parêntesis para referir uma circunstância intrigante: García Márquez escreveu o seu livro entre 1965 e 1967, muito antes de o investigador Stanley Prusiner ter descoberto e identificado a insónia familiar fatal (IFF), uma doença genética e degenerativa, que conduz à demência e à morte (1986). No romance, não é seguro que a insónia de Macondo seja biologicamente fatal, mas é verdade que a cidade acaba por desaparecer. Se é metáfora, então é de um visionarismo genial: só vinte anos depois se saberia começar a dizer cientificamente o que é a IFF.

Além disso, os Buendía não sabem o que é o amor, isto é, não sabem amar. Uma espécie de «lucidez alucinada» e uma irremediável solidão tomam conta da estirpe desde a segunda geração. Por todos, García Márquez escreve sobre Amaranta, a única filha dos fundadores, que rejeita os pretendentes e acaba por morrer virgem:

«A vida escoava-se-lhe a bordar o sudário. Poderia dizer-se que bordava durante o dia e desbordava durante a noite, e não na esperança de, dessa maneira, derrotar a solidão, mas sim exatamente o contrário, para a manter.»

Esta família Buendía é o farol que orienta a vida de Macondo na escuridão das superstições, da ignorância e da escassez. São depositários de um arsenal de prodígios, cujas manifestações atraem como a luz atrai os mosquitos. Inventores de máquinas e engenhos, portadores de doença e de angústia, versados em latim e nos abismos da prostituição, excêntricos e imprevisíveis, os Buendía são o motor da vida social de Macondo, que, no romance de García Márquez, gira em torno das aventuras e desventuras dos seus sucessivos rebentos. Às vezes, como acontece com o Arcadio da ter-

ceira geração, chegam mesmo a assumir a condução política dos destinos da comunidade. Mas este Arcadio, que se torna prefeito durante menos de um ano, introduz em Macondo os extremos da corrupção individual, registando em nome do seu pai José Arcadio «todas as terras que se avistavam da colina do seu pátio até ao horizonte, incluindo o cemitério» e apropriando não só o dinheiro dos tributos como «o que cobrava do povo por enterrar os seus mortos nas terras de José Arcadio».

Geração após geração, os Buendía são testemunhas, quando não agentes, da perda da inocência original da cidade, que se torna de lugar feliz onde ninguém morria em povoado decadente e envelhecido caminhando para a extinção. O momento em que o destino de Macondo inflete no sentido da queda inexorável é a entrada em força do capitalismo norte-americano, representado por uma companhia bananeira que vai transformar a vida da cidade num frenesi ditado pelas pletóricas colheitas de bananas e pelo choque do modo de vida dos colonizadores com as tradições locais.

Se não fosse a chegada do caminho-de-ferro a Macondo, por obra, iniciativa e engenho de um bisneto do fundador,

talvez os magnatas da companhia bananeira nunca se tivessem lembrado de vir montar ali o seu negócio. Porque foi no comboio amarelo, que tanto espanto causou aos habitantes da cidade, que chegou o «rechonchudo e sorridente» Mr. Herbert, o qual começou a comer bananas distraidamente num almoço em casa dos Buendía e acabou a imaginar um negócio de milhões. Depois, vieram os engenheiros, agrónomos, hidrólogos, topógrafos e agrimensores; enfim, o sr. Jack Brown, que chegou «numa carruagem suplementar que engataram à retaguarda do comboio amarelo, e que era toda laminada de prata, com poltronas de veludo episcopal e teto de vidros azuis». Num ápice, a aldeia foi invadida pelos gringos, «que depois trouxeram as suas mulheres lânguidas com roupas de musselina e grandes chapéus de tule» e construíram uma aldeia à parte, do outro lado da linha de comboio, «com ruas orladas de palmeiras, casas com janelas com rede metálica, mesinhas brancas nos terraços e ventoinhas de pás penduradas nos tetos lisos, e vastos prados azuis com pavões e codornizes.» Protegia-os uma espécie de «capoeira eletrificada», contra a qual os pássaros vinham morrer queimados.



«Foi uma invasão tão tumultuosa e intempestiva, que nos primeiros tempos foi impossível andar na rua por causa dos móveis e baús espalhados pelo caminho e a tralha de carpintaria dos que construíam as casas em qualquer terreno vazio, sem pedirem autorização a ninguém, e o escândalo dos casais que penduravam as redes nas amendoeiras e faziam amor debaixo dos toldos, em pleno dia e à vista de toda a gente.»

Desataram a plantar bananeiras com a mesma obstinação missionária com que, algumas décadas antes, os seus avós tinham corrido para a Califórnia à procura do ouro. É durante este período de perturbação e desnorte que ocorre o memorável episódio da ascensão aos céus de Remédios, a Bela, uma solitária da quarta geração de Buendía, envolta nos lençóis pendurados no estendal da roupa e batidos por um vento ciclónico:

«Abandonavam com ela o ar dos escaravelhos e das dalias, e passavam com ela através do ar onde acabavam as quatro da tarde e perderam(-se) com ela para sempre nos altos ares onde não podiam alcançá-la nem os mais altos pássaros da memória.»

Mas, lá fora, os agentes da companhia americana tomaram conta de toda a vida da cidade. Um regime policial privado substituiu as forças governamentais no controlo da população. E, um a um, e todos exceto um, os dezassete filhos naturais do coronel Aureliano Buendía são eliminados, porque, num dia de fúria, o coronel ameaçara voltar a pegar em armas para expulsar «esses gringos de merda». É o último grito de revolta do herói improvável de Cem anos de solidão: a página em que o escritor descreve a sua morte, de pé, encostado a uma árvore, no dia em que o circo chega à cidade, é soberba:

«Então foi ao castanheiro, a pensar no circo, e enquanto urinava tentou continuar a pensar no circo, mas já não encontrou a recordação. Meteu a cabeça entre os ombros, como um franganito, e ficou imóvel com a testa apoiada no tronco do castanheiro. A família só soube no dia seguinte, às onze da manhã, quando Santa Sofia de la Piedad foi deitar o lixo nas traseiras e lhe chamou a atenção o facto de as aves de rapina estarem a descer.»

Foi ainda um Buendía, um José Arcadio de quarta geração, que animou os operários das plantações a mobilizarem-se

para uma greve geral que acabaria por ser o princípio do fim do negócio das bananas. Numa tarde de sexta-feira os soldados governamentais, de conluio com os bananeiros, dispararam sobre uma multidão de três mil grevistas, episódio que ecoa o massacre idêntico e real de Aracataca em 1928. E depois, como se fosse um castigo divino, começou a chover e choveu ininterruptamente durante quatro anos sobre Macondo. Tudo se suspendeu, tudo se adiou, tudo se decompôs. Ignorou-se o massacre e esqueceu-se o coronel Aureliano Buendía. Os americanos meteram o rabo entre as pernas e foram plantar bananas para outro lado. Evocando nas suas memórias o episódio da saída dos norte-americanos de Aracataca, García Márquez escreve: «A única coisa certa é que levaram tudo: o dinheiro, as brisas de dezembro, a faca do pão, o trovão das três da tarde, o aroma dos jasmims, o amor.» A «febre da banana» fora um vendaval que durara pouco mais de uma década, mas entretanto a vida da cidade girara sobre o seu próprio eixo. E quando os exploradores partiram, o que ficou de Macondo era uma pálida sombra daquilo que a cidade fora:

«Macondo estava em ruínas. Nos pântanos das ruas ficavam móveis despedaçados, esqueletos de animais

cobertos de lírios coloridos, últimas recordações das hordas de forasteiros que fugiram de Macondo tão atarantadamente quanto tinham chegado. As casas construídas com tanta urgência durante a febre das bananeiras haviam sido abandonadas. A companhia bananeira dismantelou as suas instalações. Da antiga cidade aramada, só restavam os escombros. As casas de madeira, os terraços frescos onde corriam as serenas tardes de cartas, pareciam arrasadas por uma antecipação do vento profético que anos depois haveria de apagar Macondo da face da terra.»

Mas, uma vez dado ao mundo este livro singular, o escritor teve de lutar para o superar e libertar-se da tentação da fórmula «mágico-realista», chamemos-lhe assim, que ele anunciava com exuberância. Reinventou-se com *O outono do patriarca* (1975), um romance de escrita complexa e multifacetada que durante muitos anos considerou o seu melhor livro, uma meditação poética desapiedada sobre a solidão do poder engendrada pela incapacidade de amar, vista através de um protótipo de ditador sul-americano; e depois, com *Crónica de uma morte anunciada* (1981), um retorno à disciplina da escrita jornalística que é um verdadeiro exercício de

estilo capaz de fazer dispensar todos os manuais do género. A bem dizer, está tudo lá, do enunciado da tragédia à sua explicação, numa estratégia de aproximações a uma verdade hipotética que nos escapará para sempre: nunca saberemos se foi realmente Santiago Nasar quem roubou a virgindade à bela tolinha Angela Vicario, mas é com esse motivo que os irmãos dela o matam, à vista de toda a gente. A própria estrutura circular do relato só é possível porque a metodologia de inquirição dos factos e das circunstâncias, levada com minúcia cronométrica até ao limite do verosímil, lembrando, no tom e no estilo, a melhor escola de jornalismo norte-americano, assenta numa cartografia rigorosa da cidade onde o crime se consuma e a ação evolui no espaço teatral que tem como centro a casa de Santiago Nasar, onde a narrativa começa e aonde ele regressa para morrer.

Mergulhando, como habitualmente, nas memórias da sua infância e nas suas experiências de vida, García Márquez tinha ainda guardado talento e energia suficientes para um outro extraordinário romance: *O amor nos tempos de cólera*, que muitos consideram a sua obra capital, aproxima-se do registo de *Cem anos de solidão*, recorrendo à mesma fluidez

narrativa inspirada no colorido distanciado do relato oral familiar, mas o seu estilo é mais contido e focado na exaustão do tema. Publicado em 1985, conta a história do amor eterno de Florentino Ariza, modesto telegrafista numa cidade sob cujos traços, sem dificuldade, reconhecemos Cartagena de Indias, pela bela e inatingível Fermina Daza, uma das mais consistentes personagens femininas criada pelo escritor colombiano, juntamente com a austera Fernanda del Carpio de *Cem anos de solidão*. Adolescentes, apaixonam-se um pelo outro, com a cegueira e a turbacão próprias da idade. Quando o mandam para um posto nas montanhas, que abandonará rapidamente porque não é capaz de viver longe da única razão da sua vida, Florentino utiliza o telégrafo tanto para fazer chegar mensagens a Fermina quanto para saber notícias dela. García Márquez trabalhou aqui sobre materiais familiares, já que o seu próprio pai, que fora telegrafista, usava esse meio, com a cumplicidade dos seus colegas do telégrafo, para namorar com a mãe, que vivia longe. O pior é que Florentino é um ser baço, tímido e complexado; sabe-se quem é o seu pai, mas a sua não é uma descendência legítima; não tem conversa nem maneiras; escreve intermináveis cartas de

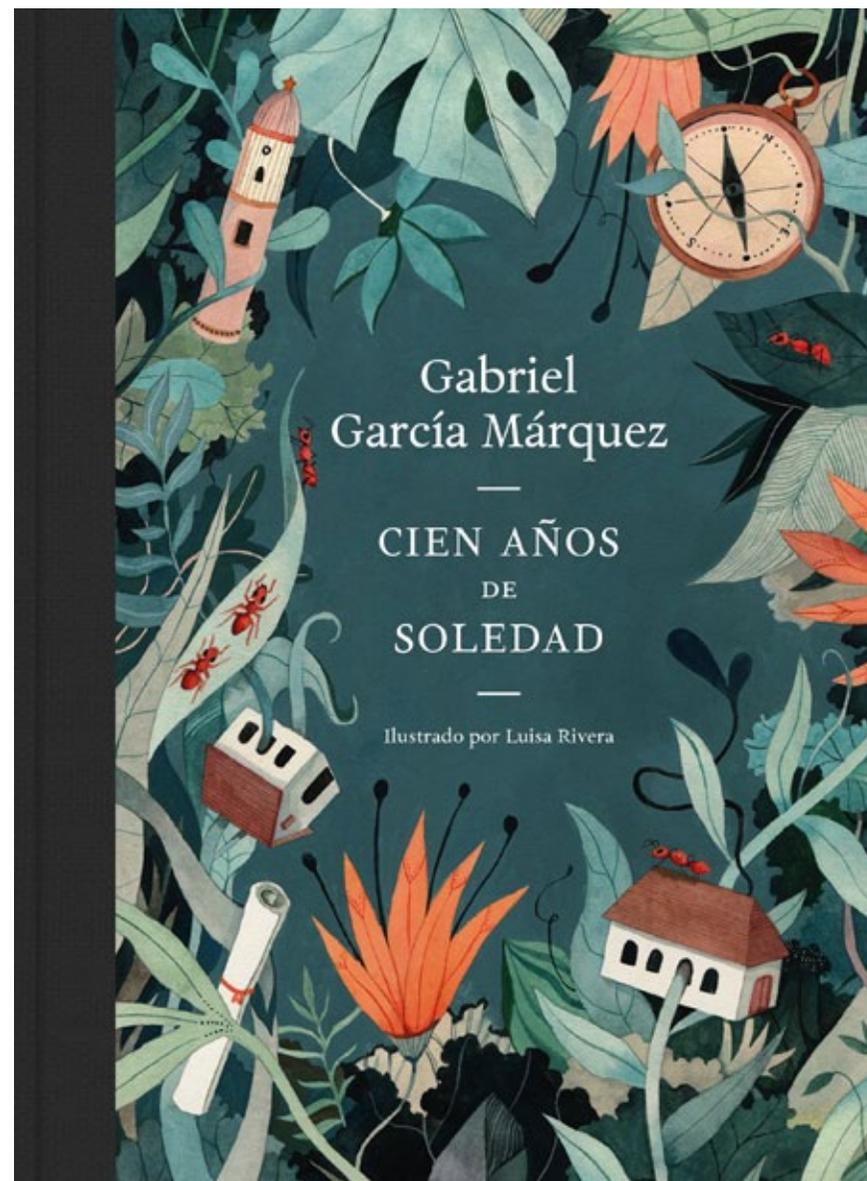
amor e toca no violino uma eterna valsa que lhe serve de serenata; parece que não o incendeiam ambições nem estimulam sonhos de grandeza. Quando o dr. Juvenal Urbino, jovem médico formado em França, regressa à cidade e deita o seu olhar sobre a bela Fermina, o telegrafista apaixonado tem poucos ou nenhuns argumentos para se interpor: Fermina põe-no literalmente a andar e casa-se com o médico abastado e bem-nascido. Ela ainda não sabe, mas espera-a uma vida sem a exaltação do amor; ele já sabe que o espera uma vida à espera de a conquistar. Porque Florentino não morre de amor por Fermina, nem renuncia, por ela, a viver; vive por amor dela, aguardando pacientemente, durante cinquenta e um anos, tantos quantos dura o casamento do médico com a sua amada, que surja de novo a oportunidade para ele a fazer sua. Florentino enriquece, porque herda o monopólio da navegação fluvial; Fermina envelhece, consumida de tédio e solidão, enquanto o circunspecto dr. Urbino se torna a mais importante figura pública da cidade, filantropo e mecenas, médico e conselheiro, patriarca e sábio.

O dr. Urbino acaba por morrer de morte macaca, já passados os oitenta anos, porque cai de uma escada quando andava à procura do seu papagaio fugido para uma ár-

vore. E, com a sua proverbial falta de tato, Florentino Ariza apresenta-se, logo no dia a seguir, propondo casamento a Fermina Daza. Leva, claro está, uma corrida em osso. Ela tem 72 anos, ele já tem 76. Num texto de homenagem ao escritor mexicano Juan Rulfo, escrito em 1980, García Márquez interroga-se sobre a idade em que Pedro Páramo consegue finalmente casar com Susana San Juan, no romance *Pedro Páramo*, por muitos considerado o grande precursor da nova literatura hispano-americana: «Eu sempre pensei, por pura intuição poética, [...] que ela já era uma mulher de 62 anos. Pedro Páramo devia ser uns cinco anos mais velho do que ela. Na realidade, o drama parecia-me maior, mais terrível e bonito, se se precipitasse pelo precipício de uma paixão senil sem alívio [...] Semelhante grandeza poética era impensável no cinema. Nas salas escuras, os amores de anciãos não comovem ninguém» Em *O amor nos tempos de cólera*, García Márquez dá enfim livre curso ao seu fascínio pelos «amores de anciãos». Porque o último terço do romance é, todo ele, uma amorosa e delicada descrição da corte persistente e silenciosa (ou quase) que Florentino, indiferente ao vexame da rejeição, move à viúva Fermina Daza. Ganha-lhe a tolerância, primeiro; partilha com ela as tardes



1967



2017

de soleira infernal, depois; ajuda-a a suportar o luto, à medida que ela se embrenha na «floresta do irremediável»; faz-se benquisto dos filhos de Fermina e, por fim, torna-se parceiro de cartas da família. Quando a convence a partir num cruzeiro rio acima, no melhor navio da sua companhia, já a força obstinada do seu amor de sempre ganhou um lugar no coração de Fermina Daza. A grandeza poética desta viagem de revelação mede-se pelo cuidado quase clínico com que o escritor vai acrescentando, dia após dia, pequenos sinais de uma disposição favorável e de uma aproximação que toda a gente toma como natural. O final do romance, um dos mais admiráveis da obra de García Márquez, aponta para a eternidade do amor e o seu triunfo sobre todas as adversidades. É um motivo recorrente na obra de García Márquez, que aqui encontra uma consagração deslumbrante.

Quando García Márquez publicou *O amor nos tempos de cólera*, já o Prémio Nobel lhe tinha sido atribuído em 1982. Embora o conjunto da sua obra fosse destacado, é claro que era sobretudo ao sucesso universal de *Cem anos de solidão* que ele ficava e dever a distinção da Academia Sueca. O «bem» estava feito: milhões de leitores, em todo o mun-

do, tinham sucumbido à persistente sedução da obra mais conhecida de Gabriel García Márquez, tanto que temo que ela tenha acabado por pôr na sombra *Ninguém escreve ao coronel*, *O amor em tempos de cólera* e *Memória das minhas putas tristes*, a sua última e deslumbrante entrega ficcional. Sobretudo, *Cem anos de solidão* devolveu à escrita e à leitura o prazer da fantasia aparentemente sem limites (mas ele, sábio prestidigitador, sempre usou os «truques» do ofício para fazer realçar a sua tão subtil originalidade), o encantamento do mistério e do inexplicável, o tropel narrativo superiormente dominado, a felicidade que parecia de todo ausente da ficção ocidental do século XX. Celebração da alegria da literatura e do esplendor da palavra escrita, o romance que hoje evocamos não envelheceu minimamente nestes cinquenta anos: tudo nele é fresco, colorido, exuberante, como a própria natureza caribenha onde Gabo nasceu e à qual foi sempre literariamente fiel.

ilustrações de Luisa Rivera para a edição comemorativa dos 50º aniversário de *Cem Anos de Solidão* editada por Penguin Handom House Grupo Editorial.

A CASA DA ANDRÉA

**SR. CUNHA,
O APOCALÍPTICO**

ANDRÉA ZAMORANO

Corria o ano da Graça do Nosso Senhor de 2010, Lisboa ainda não se havia tornado a cidade mais interessante da Europa e o Campo da Cebolas, com a Casa dos Bicos lá ao fundo, era apenas um local abandonado no coração dessa mesma metrópole em desalinho.

Palmeiras doentes, esquecidas entre canteiros fétidos, lutavam para sobreviver no meio do emaranhado de cabos que formavam uma teia suspensa sobre as nossas cabeças; as linhas de carris desativadas se misturavam num asfalto que era mais feito de buracos do que betume; os elétricos decadentes insistiam em contornar uma espécie de ilha de trilhos cercada de paralelepípedos soltos por todos os lados, em seguida percorriam a não menos cabisbaixa rua da Alfândega.

Contudo, a praça mais feia da capital não era apenas cenário, ainda havia as pessoas e demanda dos automóveis. Dezena delas, agarradas em simbiose com os volantes, prosseguiam num improvável ritual que as levava a circundar o caótico largo infinitas vezes, na esperança milagrosa de obterem algum benefício, uma benesse da fortuna que, não raras vezes, fazia com que rodassem durante mais de quarenta e cinco minutos à procura de uma vaga para estacionar.

Foi num desses episódios, em que a minha fé fraquejou, admito, que o Sr. Cunha se levantou e caminhou na minha direção. Vi um homem sereno, bronzeado pelo sol da rua, que destoava de tudo, tanto pela credulidade quanto pelo traje. Trazia uma camisa engomada, um casaco já surrado pelos ombros e a certeza que iria conseguir estacionar o meu carro se lhe confiasse a chave.

Não hesitei. Não sei se pela visão epifânica da mão estendida junto da minha janela ou se pelo meu nível de desespero. Naquela manhã, a minha exasperação era tal que se por acaso me roubassem o carro acredito que ficaria agradecida só por não ter de o estacionar todos os dias. É nesta altura que o leitor atento se pergunta: Mas não seria mais prático vir de transportes públicos evitando tantos constrangimentos? Ao que respondo, tentei algumas vezes mas estávamos nos idos de 2010 e as mentalidades eram outras. Ao que parece, só a qualidade do serviço de transportes é que me parece não ter evoluído em Lisboa.

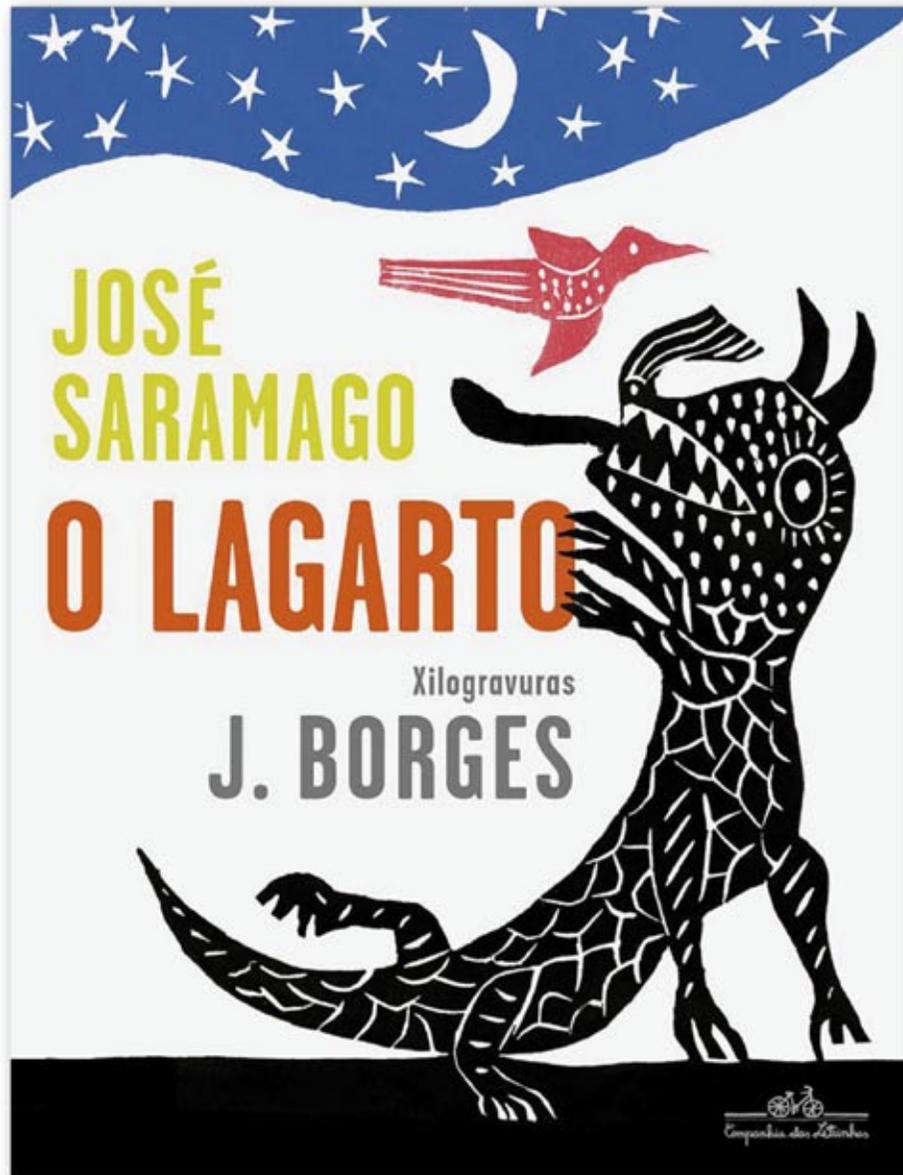
Pouco a pouco, fui-me apercebendo que aquilo que no início acreditava ser uma joint-venture, uma aliança entre parceiros comerciais bem-sucedida, na verdade me levava a fazer parte de algo superior, quiçá espiritual. Não foi por acaso.

Ao contrário dos outros homens, que durante o dia perambulavam pelo largo esperando pela noite e a chegada da carrinha que oferecia sopa aos sem-abrigo, o Sr. Cunha sacava do seu pente e fazia-o deslizar pelos cabelos brancos com uma das mãos enquanto com a outra alisava qualquer fio menos obediente. Certo de não pertencer aquele lugar, que o seu destino «não era estar ali a arrumar carros» para os infiéis, ele sabia que o tempo dos homens não era o seu.

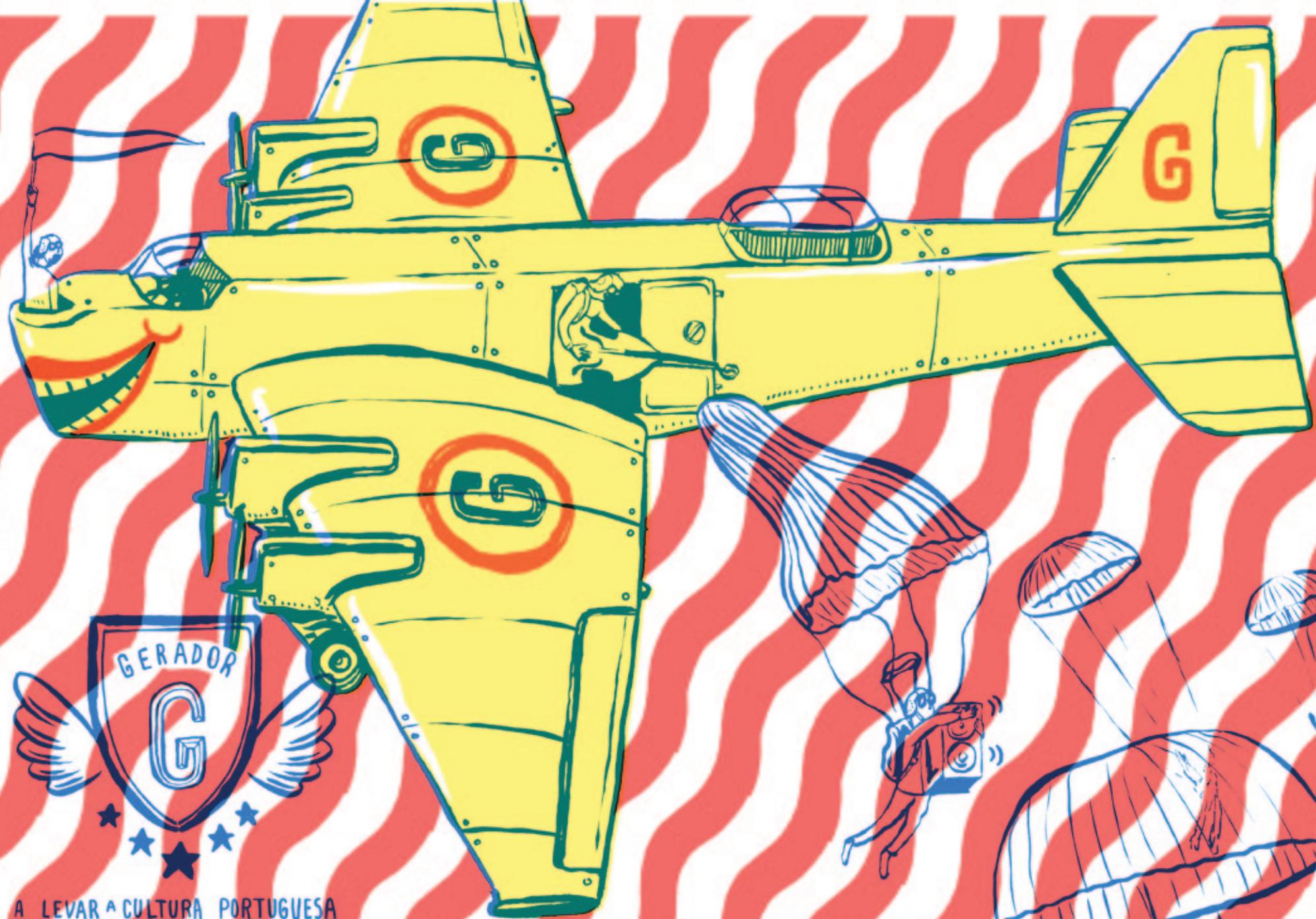
A despeito das suas certezas apocalípticas, o Sr. Cunha pairava no seu microcosmos como o super-homem de Umberto Eco. No entanto, o seu nível de Armagedonamento não era apenas simbólico. Nas minhas chegadas e partidas, ia sendo esclarecida sobre as ocorrências quotidianas que me punham a par da proximidade do fim. Elucidava-me quanto a queda de um avião, um atentado terrorista, uma qualquer catástrofe natural pelo mundo e até os desmandos da política nacional da altura com mansidão, quase como se não importassem. Eram apenas sinais para quem os soubesse ler. Deixava-me com adágio em jeito de enigma, enquanto pasmada, recebia a chave do meu carro.

Uma tarde, já estávamos no final de 2015, o Sr. Cunha me confessou: «Quero ver como é depois que este tempo passar. Porque o meu lugar não é esse. Eu sei que você sabe. Não sou arrumador de carros. Eu não pertencço aqui. Quando for a hora, vou para Fátima. Lá, eu sou guardião. Tem consciência de que estamos na zona treze? A zona treze é o motor de tudo. E tudo que vai acabar começa por aqui. Não sabem quem é trinta e três? É o filho que foi morto. Agora já sabe o que mais ninguém sabe, prepare-se.»

Desde que começaram as obras no belo e novíssimo Campo das Cebolas, acabaram-se os buracos no alcatrão; a Rua da Alfândega tem passeios mais largos; o elétrico vai chegar até Santa Apolónia; o jardim será de verdade, com canteiros, árvores vivas, bancos quiosque e tudo; vai até ter um estacionamento subterrâneo em que se pode aceder por uma escada pombalina encontrada nas escavações. O antigo Campo meio-praça meio-largo desapareceu para sempre e as charadas apocalípticas do Sr. Cunha também. Depois daquela tarde nunca mais o vi. Pergunto-me agora se «dois terços dos homens são peixes e estão enterrados no fundo mar, de quem é a ordem? Eu sei que você sabe.»



**O Lagarto, de
José Saramago e
J. Borges
Prémio da FNLIJ
- Fundação
Nacional do Livro
Infantil e Juvenil,
na categoria de
Literatura em
Língua Portuguesa**



A LEVAR A CULTURA PORTUGUESA

A TODO O LADO

O Gerador é uma plataforma de ação e comunicação para a cultura portuguesa

DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU



**um balanço
sobre a leitura
e o livro
infantojuvenil**

ANDREIA
BRITES

Quando se cumprem cinco anos sobre o primeiro número da *Blimunda*, propomos um exercício de memória para encontrar momentos, mudanças e continuidades no universo da leitura e do livro de recepção infantil e juvenil.

Políticas e equipamentos públicos

Em 2012 vivia-se a famigerada crise. Aquela que congelava todas e quaisquer verbas e relegava a cultura para o fundo invisível das prioridades políticas. As Bibliotecas Públicas agonizavam, muitas delas sem recursos sequer para adquirir as novidades editoriais que sempre garantiram leitores regulares. Aos números que provavam o decréscimo de utilizadores veio somar-se a diminuição e em alguns casos o abandono dos projetos de promoção da leitura, pela falta de verbas e pelas dificuldades crescentes de relação com as escolas.

A introdução das metas curriculares de português, nomeadamente no domínio da educação literária conduziram muitos professores e escolas a focalizar o seu interesse exclusivo na lista de obras de leitura obrigatória, desprezando o que havia sido defendido durante os anos anteriores, nomeadamente desde o PNEP (Programa Nacional para o Ensino do Português) e da criação do Plano Nacional de Leitura. Abandonou-se quase por completo a leitura recreativa, especialmente em sala de aula, e foram poucos os resistentes que continuaram a alimentar o prazer e o hábito leitor das crianças e jovens aderindo a iniciativas das bibliotecas escolares e públicas.

O retrocesso fez-se sentir não apenas nas dinâmicas dos equipamentos como no desinteresse dos alunos e de muitos professores, comprovando aquilo que os especialistas em leitura há muito sabem: é preciso muito tempo para formar leitores e muito pouco para destruir o trabalho feito.

Também o Plano Nacional de Leitura perdeu visibilidade e poder de comunicação. Apesar da renovação anual das listas de obras recomendadas, pouco ou nada foi feito, excetuando o Concurso Nacional de Leitura e outras iniciativas do género. Também a Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas se manteve ausente. Depois de suspender a Carteira de Itinerâncias que permitia levar a todas as Bibliotecas da Rede Pública um ou mais projetos de promoção da leitura em 2011, esta nunca voltou a ser reativada, nem nos mesmos moldes, nem noutros. Apesar de manter elementos da equipa afeta às Bibliotecas Públicas a acompanhar, no terreno, modelos de funcionamento e estratégias específicas, a DGLAB deixou de ter a mesma presença e influência em defesa da leitura. O apoio mais consistente foi dado pela Rede de Bibliotecas Escolares que conseguiu manter abertas as candidaturas anuais para as escolas que desejassem entrar na rede e assim, a cada um destes cinco anos, equipou diversos espaços, no-

meadamente em escolas do 1.º ciclo, algumas das quais com jardim de infância, com as condições necessárias para o devido funcionamento de uma biblioteca escolar: mobiliário, fundo bibliográfico e audiovisual, computadores e sinalética, bem como apoio na catalogação.

Quer nas Bibliotecas Municipais quer nas Escolares, houve sempre quem resistisse e quem claudicasse. Houve quem criasse sistemas de organização de pessoal docente e não docente para garantir o empréstimo domiciliário semanal aos alunos, ou para abrir a biblioteca durante o intervalo da manhã e a hora do almoço. Houve professores que não desistiram de ler em voz alta aos alunos outras obras, houve quem continuasse a participar em oficinas, contrariando a voz maioritária que alegava falta de tempo em prole do cumprimento do programa e da preparação para os exames. Outra forma de organização veio permitir, nestes últimos anos, alguns balões de oxigénio. As comunidades intermunicipais uniram concelhos limítrofes e representaram os interesses comuns apresentando propostas que receberam financiamento europeu. Nesse âmbito, mas também ao nível da otimização de recursos, foi possível que algumas Bibliotecas conseguissem aceder a formação, oficinas, exposições

ou espetáculos que circulavam ou eram distribuídos pela região. O caso de maior sucesso conhecido é o CIRA: Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro que integra umas das bibliotecas mais dinâmicas do país, a Biblioteca Municipal de Ílhavo.

Outra dinâmica que conseguiu contrariar estes tempos negros foi a multiplicação de Encontros promovidos pelas Bibliotecas, normalmente em rede, fossem escolares ou municipais. Durante um dia ou dois, apresentaram-se práticas de sucesso e discutiram-se temas como a literacia digital, a leitura de imagens ou a leitura na primeira infância, juntando professores, técnicos e mediadores. Apesar da sua componente local ou regional, estes Encontros reiteraram a importância da leitura junto das comunidades.

O ano de 2016 trouxe mudanças. Logo a começar pelo fim dos exames no primeiro ciclo, que aliviaram a pressão sobre professores e alunos e uma queda subreptícia das metas de educação literária que em alguns casos deixaram de ser cumpridas de forma tão prescritiva. Em 2017 assistimos ao relançamento do Plano Nacional de Leitura por mais uma década: o chamado 20/27, aludindo à data de término. O anúncio de atenção redobrada à formação de leitores

Outra dinâmica que conseguiu contrariar estes tempos negros foi a multiplicação de Encontros promovidos pelas Bibliotecas

adultos, bem como a uma perspetiva voltada para a desescolarização da leitura e para uma perceção mais acurada e integrada das novas tecnologias são os princípios que regularão este novo ciclo, segundo palavras da nova comissária, Teresa Calçada. Qual vai ser a participação da DGLAB nesta nova visão, que recupera uma ideologia programática abandonada entre 2012 e 2016 ainda é uma incógnita.

Mercado da edição

Ao contrário da contração que ocorreu na área de livros para adultos, o mercado do livro infantil não sofreu um rombo muito grande. Na eminência de reduzir custos, as famílias centraram as suas atenções nos mais novos. Assim, em alguns casos, foi precisamente a edição de álbuns e narrativas para crianças que equilibraram as contas das editoras ao longo destes últimos cinco anos.

A aposta neste segmento de mercado é notória quando as montras das livrarias lhe reservam mais espaço e surgem livrarias exclusivamente dedicadas a este público, como acontece com a Gigões e Anantes, em Aveiro, a Hipopómatos na Lua, em Sintra, a Baobá e a It's a Book em Lisboa,

todas posteriores a 2012. Há também editoras recém-chegadas que apostam forte com chancelas próprias, como é o caso da Booksmile, que integra o grupo 20|20 ou a Nuvem de Letras, da Penguin Random House. Por outro lado, as editoras independentes continuam vivas, tendo conseguido sobreviver a tempos mais conturbados. Mais ainda, é delas a grande responsabilidade pela diversidade de propostas de qualidade que hoje se encontram nas livrarias.

A Kalandraka cumpre em 2017 quinze anos de existência em Portugal e, apesar de enfrentar hoje muito mais concorrência, continua a apostar em autores fortes como Maurice Sendak, Tomi Ungerer, Shaun Tan ou Jimmy Liao. Paralelamente, apresenta livros científicos da chancela Faktoria do Livro e lança uma nova coleção de ensaios, à imagem do que acontece há alguns anos em Espanha. A mentora da revolução do álbum em Portugal continua a reeditar os clássicos da sua coleção, ao mesmo tempo que aposta, aqui e ali em autores portugueses.

A Edicare é igualmente um bastião do livro infantil, tendo sido a primeira editora especializada em livros-jogo e livros informativos. Mapas, atlas, livros de atividades, temas caros aos mais novos como os dinossauros, o corpo humano ou

os piratas estão presentes no catálogo desta editora portuguesa. Apesar de abundarem livros de atividades, considerados didáticos, a Edicare elevou o nível gráfico e temático desta tipologia. O mesmo aconteceu no que aos livros para a primeira infância diz respeito. *Pop-ups*, janelas, personagens recortadas e muitos elementos do quotidiano, quer em livros informativos, quer em livros de ficção. Neste momento, a Edicare enfrenta já a concorrência de outras editoras, como a Presença, a Porto Editora ou a Booksmile, que também editam livros para bebés até aos 3 anos. Todavia, sem a identidade inovadora da Edicare, tal não aconteceria com a mesma qualidade.

De entre as diversas editoras e chancelas há que destacar quatro. A Orfeu Negro quase triplicou o número de novidades por ano. Do ponto de vista estratégico, tem vindo a apostar cada vez mais em edições originais. Tudo começa com Catarina Sobral mas basta percorrer a página relativa à venda de direitos da Orfeu Negro para rapidamente se perceber que outros autores criaram projetos originais como *O Tempo do Gigante*, de Manuel Marsol e Carmen Chica, *Baltasar o Grande*, de Kirsten Sims ou *Aquário* de Cynthia Alonso. Também a Bruuá aposta em edições originais, não apenas

de autores contemporâneos mas também de textos desaparecidos atualizados por ilustrações novas, como aconteceu com *Um Dia de Loucos*, um dos programas radiofónicos de Walter Benjamin dedicado ao público infantil. O olhar dos editores procura sempre projetos gráficos paradigmáticos de uma escola, época ou país e assim chegaram a Portugal nomes como Ivan Chermayeff ou Milton Glaser.

Outra estratégia tem sido seguida pela Pato Lógico: uma coleção de livros de imagens, Imagens que contam, uma coleção de Mapas de Cidades, actividários e parcerias em projetos de divulgação. Embora não esteja de todo fechada à ficção, a Pato tem uma identidade mais próxima do discurso visual e propõe livros em segmentos menos explorados.

Finalmente, o Planeta Tangerina. Editando cerca de oito novidades nos últimos anos, a equipa diminuiu a sua produção. Depois do *boom* de recetividade e dos perigos de estar na moda, a editora retraiu-se e procurou arriscar noutras coleções. Logo em 2011, Ana Pessoa vence o Prémio Branquinho da Fonseca e o Planeta aposta na publicação deste *Caderno Vermelho da rapariga Karateca* numa nova coleção, destinada ao público juvenil em 2012. A partir daí, Dois Passos e Um Salto assegura mais dois livros da autora, assim

como uma banda-desenhada e a estreia de Carla Maia de Almeida no juvenil com *Irmão Lobo*. Paralelamente, surge a coleção Cantos Redondos, que parte do princípio da interatividade para desafiar os leitores a responder aos livros. Receitas, inventários, sons, gestos são algumas das ações, mas no essencial o leitor é convocado a explorar o próprio livro enquanto objeto e imaginar que a interação resulta efetivamente naquilo a que livro e leitor se propõem. Finalmente, no âmbito de alguns projetos especiais, o Planeta Tangerina editou *Lá Fora*, guia para descobrir a Natureza, a que se segue *Cá Dentro*, guia para descobrir o Cérebro.

Aquilo a que se tem vindo a assistir nos últimos cinco anos é a uma maior oferta de qualidade ao nível do álbum, e a uma maior diversidade de propostas. O livro para a primeira infância, quer o exploratório quer a narrativa, podemos encontrá-lo com relativa facilidade no catálogo da Kalandraka, da Orfeu Negro, da Presença, da Booksmile, entre outras. Há mais livros sem texto, e estes não se esgotam nas narrativas visuais. Um exemplo de excelência é precisamente *Antes/ Depois* da Gatafunho. O livro-jogo prolifera, a par de álbuns híbridos do ponto de vista da receção. A não ficção em geral ganha mais vozes e caminhos, da ciência à bio-

grafia, do actividário ao guia, das curiosidades à arquitetura. Por fim, também o juvenil se transformou numa aposta assumida por muitas editoras. A Presença continua a alimentar grande parte do mercado, mas a Booksmile e a Porto Editora assumem-se como grandes concorrentes, chegando a vários públicos, tanto os pré-adolescentes que procuram o humor dos diários e do quotidiano da escola como narrativas fantásticas plenas de mistério e ação. *A Nuvem de Tinta*, da Alfaguara, caminha numa direção paralela, a do drama realista com pitadas, aqui e ali, de maravilhoso e mistério. Por seu turno, a Caminho mantém-se fiel aos autores lusófonos, publicando álbum, narrativa ilustrada ou juvenil e poesia em função da produção dos seus autores. Em défice continua a edição de poesia e, ainda mais, a de teatro.

A reboque da ilustração

Quando, em Março de 2012, Portugal é o país convidado da Feira do Livro Infantil de Bolonha, os ilustradores portugueses já estavam a dar cartas. Desde colaborações em publicações internacionais a direitos de livros portugueses comprados por editoras estrangeiras, o facto é que havia já

então um grupo bastante razoável de ilustradores reconhecidos internacionalmente. Daí para cá proliferaram os contactos internacionais e uma nova geração começou a aparecer.

Com a expansão da venda de direitos, os álbuns e algumas narrativas ganharam espaço em listas de títulos por organizações de referência, como a do Banco del Libro, na Venezuela, os altamente recomendados pela FNLIJ, no Brasil ou a White Ravens, pela Biblioteca Internacional da Juventude, sediada em Munique. Em Bolonha, Catarina Sobral venceu o Prémio Internacional de Ilustração, da Fundação SM e *Lá Fora* o Bologna Ragazzi Awards, na categoria de Opera Prima. Na mesma edição da Feira, Madalena Moniz viu o seu *Hoje Sinto-me* alcançar uma menção honrosa na mesma categoria.

André Letria venceu o prémio Junceda Ibèria em 2013, pelas ilustrações de *Mar*, Bernardo Carvalho viu o seu *Praia Mar* incluído no 100 Great Children's Picture Books, de Martin Salisbury em 2015 e na revista 3x3 os nomes de ilustradores portugueses distinguidos tem sido uma constante ao longo dos últimos anos: André Carrilho, André da Loba, André Letria, Catarina Sobral, João Vaz de Carvalho ou Marta Madureira são apenas alguns deles.

Em Portugal também se assiste a um interesse crescen-

te pela ilustração. É aliás um dos recursos mais explorados pelas Bibliotecas Públicas, que muitas vezes associam uma exposição de impressões a uma visita do ilustrador. É cada vez mais comum poder comprar essas impressões, muitas vezes valorizadas pela assinatura do autor, quer nos sites das editoras, quer em lançamentos de livros. Francisco Vaz da Silva, dono da livraria Gigões e Anantes, em Aveiro, investiu numa impressora de alta qualidade para esse efeito, e imprime muitas ilustrações para exposições não apenas na livraria mas para outras iniciativas, a pedido dos autores.

No âmbito das exposições de ilustração, a Ilustrarte é a maior, e conseguiu manter-se viva até agora.

Nasceu entretanto, em 2014, a Festa da Ilustração de Setúbal, que decorre durante o mês de junho em vários espaços da cidade e arredores e conta com exposições individuais e coletivas quer de ilustradores profissionais como de alunos de escolas do concelho. Este ano, coube a António Jorge Gonçalves abrir a festa, com a sua exposição individual na Casa da Cultura. Mais a norte, nasceu Ilustração à Vista, no concelho de Ílhavo, em 2016. Com curadoria de Adélia Carvalho, escritora e editora da Tcharan, esta festa centra-se no Museu da Vista Alegre para apresentar exposições de ilus-

Em Portugal também se assiste a um interesse crescente pela ilustração. É aliás um dos recursos mais explorados pelas Bibliotecas

tração e desenvolver espetáculos de dança, música, teatro e oficinas plásticas. Isidro Ferrer tem uma mostra individual, originalmente criada por Eduardo Filipe e Ju Godinho, curadores da Ilustrarte, que pode ser visitada no Museu da Vista Alegre até setembro.

No que respeita a prémios, estará para breve o anúncio do Prémio Nacional de Ilustração, que a DGLAB continua a assumir anualmente. Para além deste, o mais legitimador de todos, o Planeta Tangerina criou outro, com a Câmara Municipal de Serpa, com o intuito de mobilizar ilustradores a criar novos projetos. Na primeira edição destacou-se Joana Estrela com *Mana*, entretanto editado pelo Planeta Tangerina, a que se junta agora um novo livro.

Apesar de nem sempre serem nomes totalmente desconhecidos, o facto é que Susa Monteiro, Joana Estrela, Teresa Cortez, Marta Monteiro ou Jaime Ferraz aparecem agora no universo do livro ilustrado graças ao risco que as editoras independentes se propõem correr para continuar a alimentar a ilustração.

O que fica e o que passa

Destes cinco anos resulta a certeza da qualidade e da diversidade da edição na área do livro infantojuvenil, mesmo contando com o excesso de publicação e o lixo que também a integra. A moda, em contracorrente, tem ajudado muitos adultos a encontrar critério na escolha dos títulos que compram. Há bibliotecas que continuam a promover encontros e que nunca pararam. Graças à Biblioteca Municipal de Pombal e à Biblioteca José Saramago, em Beja, pudemos contar com os Caminhos de Leitura, que comemorou quinze edições anuais e com as Palavras Andarilhas que, independentemente do modelo anual ou bienal, continuam a alimentar narradores orais e mediadores em geral. A esta persistência é preciso juntar outra, de ordem académica e um pouco mais a norte. Os Encontros Luso-Galaicos do Livro Infantil e Juvenil têm vindo a realizar-se há mais de vinte anos em modelos e locais vários, focalizando a sua atenção no público estudante da área, divulgando estudos literários de equipas de investigação transnacional e refletindo sobre autores, tipologias ou destinatários.

A estes marcos junta-se o Encontro de Literatura Infanto-juvenil da Lusofonia da Fundação O Século, nas suas instalações, no Estoril. Organizado pelo escritor e mediador José Fanha, este Encontro já cumpriu três edições, que incluem visitas a escolas dos concelhos de Lisboa, Amadora, Sintra, Oeiras ou Cascais pelos escritores, ilustradores ou narradores orais convidados, um colóquio de dois dias com várias mesas temáticas, sessões de narração oral à noite e oficinas várias. O ambiente é de proximidade, possibilitando que o público facilmente comunique com os vários convidados.

Não podemos esquecer o Folio, que nasceu em Óbidos com dimensão assinalável e a ambição de se equiparar à FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty). Com diversas curadorias, o Fólho não ignorou a promoção da leitura nem a ilustração. Por isso contou, nas duas edições, com um congresso internacional destinado a mediadores e professores, várias exposições de ilustração, oficinas e as visitas de figuras reconhecidas como Sylvia Castrillon ou Jutta Bauer.

Como serão os próximos cinco anos, não o sabemos. Por muito que se edite a qualidade nunca é de menos e haverá muito na história do livro infantil que ainda é preciso recuperar. A venda de direitos que assegura a sobrevivência das prin-

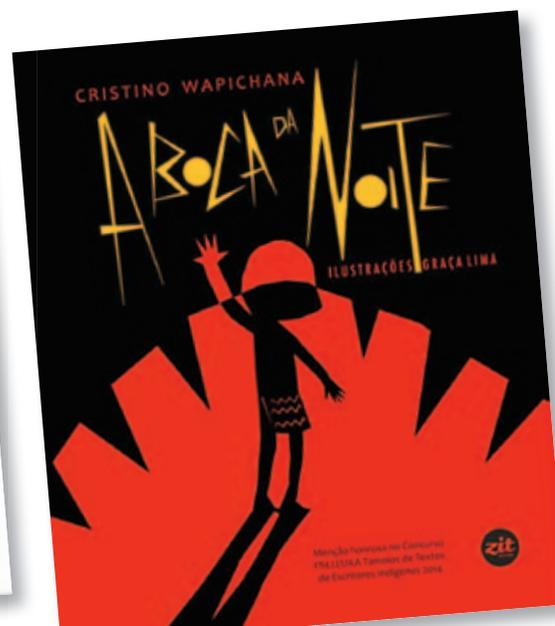
cipais editoras independentes garante acesso e legitimação, mas é necessário que haja apoio institucional para que editoras, autores e académicos possam estar presentes em encontros, conferências, feiras e concursos, o que raramente acontece. A visibilidade não pode ser alcançada apenas através do esforço isolado de cada editora ou cairá sobre elas o peso de uma política da língua incipiente, que se verifica por exemplo nas negociações dos próprios direitos. Ao mesmo tempo, é essencial que se recupere, adapte e inove nas políticas de leitura pública, concertando um programa comum à educação e à cultura. É preciso investir na formação leitora junto dos pais e dos professores, para que possam efetivamente promover o livro junto dos mais novos. Recuperar a dinâmica das Bibliotecas Municipais, defendê-las como equipamento nuclear e encontrar estratégias de relação e otimização de recursos com as escolas é outro passo essencial. O mercado editorial pode funcionar para além da política de leitura pública, mas será mais sustentável se houver uma concertação. Recuperaremos o assunto daqui a cinco anos.

and the winner is...

Na categoria de literatura em língua portuguesa foram distinguidos *O Lagarto*, com texto de José Saramago e ilustrações em xilogravura do pernambucano J. Borges e *O Pintor debaixo do lava-loiças* de Afonso Cruz.

A boca da noite: histórias que moram em mim, com texto de Cristino Wapichana e ilustração de Graça Lima, venceu o prémio na categoria de criança e na de ilustração. Outros nomes reconhecidos como o de Marina Colassanti, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, André Neves ou Eucanaã Ferraz também constam na lista de galardões, entre tradução, poesia, jovem ou teórico.

os prémios FNLIJ já foram anunciados



A **FNLIJ** é uma organização independente cujo trabalho de investigação sobre o livro infantil e juvenil, assim como a de promoção da leitura garante uma avaliação legitimadora aos livros infantojuvenis.

No seu segundo livro, Joana estrela arrisca num reconto de uma narrativa tradicional. E comprova uma identidade que em nada afeta a coerência própria deste tipo de conto. Surpreende até a fluidez com que se sucedem os acontecimentos, nos quais se encaixam elementos novos, que colaboram para a sua versão. *A Rainha do Norte* baseia-se no conto sobre a origem das amendoeiras. Seguindo a base oral, também aqui o rei mouro casa com a criada de um país do norte e tenta salvá-la de uma tristeza infinita que se converte em doença inexplicável para os doutos do reino. A solução está precisamente na melancolia que a rainha sente por nada lhe recordar o seu país, do qual sente saudades.

Nesta narrativa, porém, o texto enfatiza as razões da doença, enumerando um conjunto de situações em que a rainha se sente estrangeira e incompreendida. A introdução do psicólogo pode parecer uma tentativa para modernizar algo de intemporal, mas na verdadeiro homem nunca lhe é atribuída tal designação. Tudo se encaixa na cadência linear do discurso, que a espaços se detém numa explicação. Se por um lado esta versão preenche mais vazios daquilo que se pode considerar o original, no que concerne o mistério sobre a rainha, por



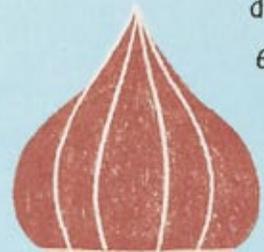
outro essa informação leva o sentido moral da narrativa para a consciência do outro e da necessidade que cada um tem de se sentir parte integrante de uma comunidade.

Na tipografia reconhece-se o texto de *Mana*, assim como na rasura que, logo na introdução evidencia que uma transformação no modelo tradicional dos contos de fadas, príncipes e princesas. As cores suaves e os planos dos espaços alternam com descrições da protagonista, acompanhando a sua doença e recuperação. Pormenores como os padrões, os arcos, os quadros, os utensílios junto ao leito, os trajes ou o mercado não se limitam a enquadrar o contexto geográfico e cultural dos acontecimentos, criam sim uma harmonia e um equilíbrio que destaca ainda mais as ilustrações em que se assiste ao sofrimento da rainha, como a das portadas fechadas. Há aliás um movimento constante de aproximação e afastamento, de enquadramento e de enumeração, que acrescentam sentido e densidade ao texto.

A repetição do local inicial, aquele onde aparecem os noivos, a meio da narrativa e no seu final cumpre a lógica de progressão e de final fechado, alinhado com o texto que repete na última página quase na íntegra o que se apresenta no princípio.

O que mais se destaca na leitura desta obra é a voz própria sempre coerente com o sentido narrativo, reforçado por ser um reconto.

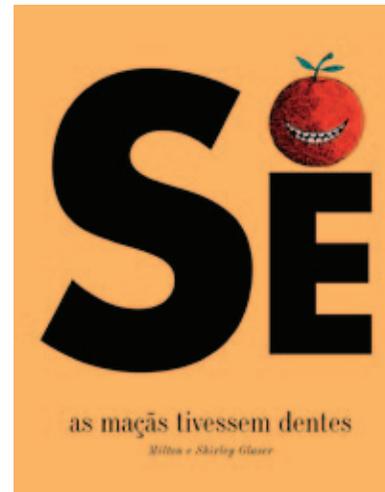
Um dia apareceu no palácio um
médico vindo de um reino distante.
Tinha ouvido falar da doença
da rainha e decidiu visitá-la,
e oferecer os seus serviços.



Este título é um paradigma do programa editorial da Bruaá: a procura incessante de uma memória do livro infantil revolucionário que até hoje não chegou a Portugal. Datado de 1960, é ilustrado por um dos grandes ícones do design mundial, responsável por diversas imagens que chegam ao século XXI com uma legitimação canónica, não apenas por especialistas como pelo público. O emblemático 'I [imagem do coração] NY' é disso o melhor exemplo.

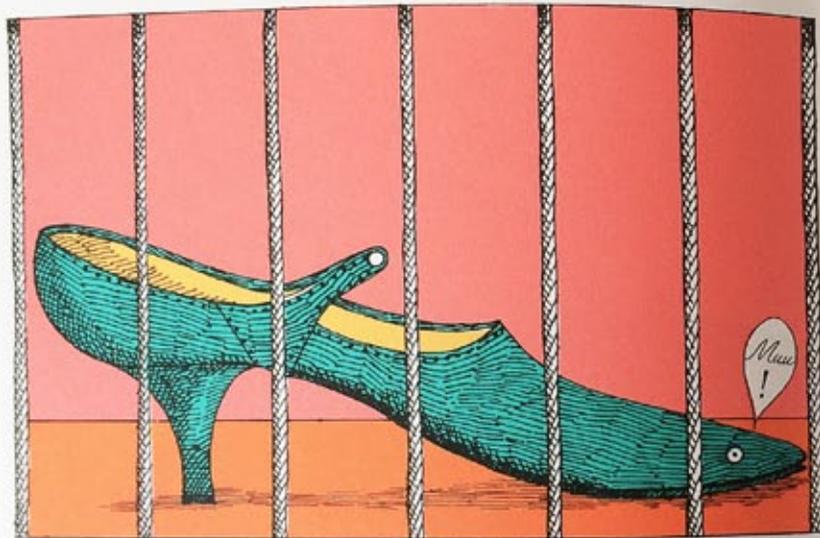
No entanto, neste livro que chega finalmente a Portugal, Milton Glaser não recorre a formas planas nem a combinações de cor muito vibrantes. Ao contrário, para cada situação a ilustração oferece uma representação virtuosa, destacando contornos e combinações de traços sempre finos que resultam em efeitos de luz e sombra, perspectiva e até densidade morfológica. Se o estilo está muito longe de outros projetos gráficos que realizou, a astúcia da observação mantém-se plena de subtilezas e propostas.

O texto consiste num conjunto de suposições que alteram a ordem interna de diversos animais, convocando-os a novas ações em função da metamorfose parcial que hipoteticamente sofrem. Deste



exercício resultam associações inusitadas que tanto jogam com relações metonímicas mais óbvias como se aproximam do nonsense desconcertante. Logo a abrir, as maçãs têm a possibilidade de terem dentes. Logo elas, que são repetidamente trincadas, de tal maneira que a própria imagem de alguém a comer uma maçã já se cristalizou. Dê-se à impotente o poder do seu agressor. E a maçã vai morder, claro está. «Se as maçãs tivessem dentes, as coisas seriam bem diferentes.» é a proposta da tradução portuguesa. A ilustração, por seu turno, apresenta um militar de alta patente a ser mordido no nariz pela maçã. Podia ser um rapaz, uma criança. O general representa a ordem, o poder e a sua forma de duração. A maçã que lhe morde o nariz subverte a história, a tradição, a aceitação da ordem imposta e a hierarquia. Tudo numa única imagem que desvenda o sentido do texto.

É evidente que nem todas as propostas são tão complexas como esta. A ligação entre forma e função sucede-se entre o reconhecimento e o desvio, como acontece no processo de leitura do mundo: uma constante relação entre o que já conhecemos com o desconhecido. A literatura e a arte em geral são fontes privilegiadas deste movimento.



English Walkers

SE um sapato dissesse "muuuu", punham-no logo num zoo.



SE ninguém estiver a olhar,
o urso aproveita sempre para se pentear.

s e e t e

saramaguiana

*José Saramago escreveu em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* que o esquecimento demora nove meses para chegar. Os mesmos nove meses que um ser humano demora a aparecer, da gestação até que por fim nasce e recebe um nome.*

q n o s



Este mês de junho completam-se 7 anos sobre a morte de José Saramago e esta revista digital continua a cumprir a sua obrigação de não esquecer. Não coloca um copo de vinho sobre a mesa do almoço como Ricardo Reis fazia para Pessoa, sinal de que estava sentado diante dele, a Fundação continua simplesmente a trabalhar num projeto literário e cívico. A morte chegou a José Saramago no dia 18 de junho, por isso, e como símbolo – esses que a história nos ensina e que são importantes – a revista *Blimunda* é publicada todos os meses por volta do dia 18, contradizendo, deste modo, mês a mês, o anunciado esquecimento. A presença na vida cultural e cívica do escritor português e universal continua a iluminar os seus leitores de sempre, e os jovens que se somam à leitura com um afã distinto, que bem poderia ser definido como uma certa e estranha ansiedade por descobrir o que se lhes diz já estar descoberto. O autor de *Ensaio sobre a Cegueira* é um autor jovem que figura entre as predileções de uma nova geração que lê



no século XXI de maneira diferente da que, provavelmente, vem sendo praticada desde a invenção da imprensa, como constatam diversas editoras europeias e americanas.

«José Saramago mudou de geração», anunciava Gianluca Foglia, editor italiano do escritor, com a satisfação de quem vê confirmada a sua aposta.

Blimunda, a personagem central de *Memorial do Convento* que vê o interior das pessoas, é também revista que trata assuntos que aproximam e surpreendem. Trata-se de homenagear quem criou a personagem, claro, apostando no presente e no que a sociedade gera, e que, por vezes, a urgência do dia escurece. A revista *Blimunda* pretende contribuir para aumentar o campo de visão, e o próprio olhar.

Sete anos desde o dia que morreu José Saramago. Ou não. A escritora Lídia Jorge afirmou que não morre quem é eleito. E José Saramago continua a ser escolhido. Bendito seja.

Para uma bacia cultural no Atlântico Sul

Pilar del Río



No dia 26 de maio a Biblioteca Nacional de Espanha acolheu a sessão de entrega do Prémio Luso-Espanhol de Arte e Cultura à Presidenta da Fundação José Saramago, Pilar del Río. A distinção foi entregue pelo Presidente da República de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, e os Ministros da Cultura de Portugal e Espanha, Luís Filipe Castro Mendes e Íñigo Méndez de Vigo. Abaixo a íntegra do discurso de Pilar del Río:

A viagem não acaba nunca, só os viajantes acabamos, daí a urgência de dizer tudo antes que chegue o silêncio, qualquer silêncio de tantos que nos assediam. Por isso, antes de mais nada, obrigada, eskerrit asko, grácies, graciñas: a Península Ibérica é grande, nela cabem muitas culturas e idiomas para mostrar agradecimento e faltando um deles, os idiomas, ou delas, as culturas, esta distinção que me outorgam não seria possível. Quem vos fala não existiria sem a bendita diversidade que nos salva porque nos aproxima.

Ocorreu-me olhar para um mapa de estradas quando escrevia estas palavras e fiquei impressionada com a quantidade de linhas que vão de um lado ao outro da Península, mais veias do que as do mais vivo ser vivo. Há que aproveitá-las, pensei, percorrê-las como se fossem um corpo amado. Que tal pôr a circular por estas vias o Senso Comum, sempre tão conservador, junto da Ousadia Impenitente, que é o outro nome da imaginação? Já se fez, poderiam dizer-me, mas porque um dia se tenha dito amor não significa que tenhamos de retirar a palavra, ou o conceito, das nossas vidas, e por isso construí dois bonequinhos de papel e coloquei-os a percorrer o mapa partindo de La Mancha, aquela a que sempre se regressa, quer dizer, saíram de Toboso, foram a Barcelona, passando por Aragão, digamos que por Alcalá del Ebro, ilha interior também chamada Barataria, logo, levante abaixo, Murcia, Jaén, um lugar chamado Orce, que está

em Granada, Mérida, Olivença, Lisboa, Pontevedra, País Basco, outra vez La Mancha, com as suas gentes, casas e lendas. E foi aí que, recordando a afirmação bíblica de que “não é bom que o homem esteja só”, aperfeiçoada com a evolução do pensamento até um muito melhor “não é bom que haja apenas homens”, construí duas figurinhas femininas para juntar ao já viajado Senso Comum e à Desbordada Imaginação, e logo a seguir um bonequinho mais para que o número fosse ímpar e aberto, qualidade dos números ímpares. Então dei-me conta de que estava a reproduzir os personagens de *A Jangada de Pedra*, de José Saramago, tendo partido do imaginário de *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. A confusão pode explicar-se, tem a ver com a realidade literária, tão forte, e com a memória: há quase trinta anos ouvi Lázaro Carreter comparar a viagem de Dom Quixote e Sancho Pança, um sobre Rocinante, outro sobre o burro, com a que os cinco ocupantes do Citroën 2 Cavalos realizam pela Península, essa que tinha diante de si, no mapa de estradas desdobrado, e que pedia gritando, sim, os mapas falam, sair do tédio e de ideias conformadas e até banais, quer dizer, o mapa pedia que se navegasse para encontrar e nos encontrarmos. Então, Joana Carda, assim se chama uma das mulheres do livro de Saramago, extraordinariamente parecida com a figurinha acabada de construir,

desenhou um risco no chão com uma vara de um velho olmo e, nesse momento, assim está escrito, a Península Ibérica separou-se do continente pelos Pirinéus, mar adentro, a caminho do futuro fabuloso que Alejo Carpentier sentenciou, jogando com os sentidos da palavra. E assim se produziu o Ib-Exit perfeito, não uma saída do Continente por mera rejeição ou mesquinhos egoísmos, pelo contrário, a Península Ibérica convertendo-se, toda ela, com as suas diferentes propostas, os seus diferentes hábitos e idiomas, num rebocador que arrasta o resto da Europa até outro Continente, única maneira de sair do caos e do ensimesmamento em que se encontra desde há tanto tempo. E viajando pelos mares que bem conhecemos, talvez, se assim o quisessem todos, se pudesse fundar no Atlântico Sul uma nova bacia cultural a partir da qual se pensasse o mundo, agora que já temos os ensinamentos da história e luz eléctrica para nos iluminarmos e tratarmos de ver. (Dou muita importância à invenção da luz eléctrica – para não falar da proposta digital – porque muitas vezes tratamos de adaptar o mundo a ideias que nasceram antes deste invento, daí que existam tantas descompensações entre o que somos e dizemos e tanta desafeição, porque não conseguimos entender.)

A viagem não acaba nunca: pessoas, seres humanos, circulando pela Península, toda ela Território de La Mancha, obrigado Carlos Fuentes, a península rodando sobre si

*Há uns anos, José Saramago levou a sua colecção de Quixotes para a ilha de Lanzarote. Talvez então não o tenha pensado, mas sabemos agora que estava a deixar a sua parte nesta **bacia cultural** do Atlântico Sul.*

mesma para confundir as bússolas e os sábios, também para ouvir o ruído do sol a cair no mar em lugares diferentes de Finisterra, onde, segundo conta Torrente Ballester, iam os romanos e deveriam ir os poetas porque ali se produzia, em cada tarde, o rito cósmico. A rotação da Península sobre si mesma conseguiu também, e digam-me se isto não justifica a navegação peninsular, que certa terra coberta de sombra pudesse, por fim, receber a titubeante carícia da luz. Tudo são vantagens nesta viagem oceânica da Península Ibérica, por isso, um dia apareceu pintada em França, talvez nas paredes onde Paul Éluard escreveu a palavra Liberdade, uma frase que rapidamente se estendeu por toda a Europa, e em todos os idiomas: “Nós também somos ibéricos”. Até em Latim apareceu escrita: “Nos quoque iberi sumus”. Esta maravilha nunca antes sonhada, a Península Ibérica a navegar até outros, unindo continentes para conviver partilhando, converteu-se num desafio que surpreendeu os cínicos, que acabaram a perguntar-se como teria sido possível que tal ocorresse, se este desafio não estava na ordem lógica das coisas. Na deles, quero dizer. E por aí andam, tratando de controlar o que não sabem entender.

O Prémio Luso-Espanhol de Arte e Cultura é uma viagem pelas terras de Portugal, como escreveu Unamuno e outros mais tarde completaram, mas é também uma viagem até ao continente onde os europeus portugueses e espanhóis mais somos, quer dizer, até

à América, quer se fale em português, espanhol ou qualquer uma das línguas originárias que a enriquecem. Assisti há alguns anos no México a um congresso nacional indígena e ouvi os oradores apresentarem-se com o seu nome, dizendo, logo em seguida, a sua língua/idioma. Chamo-me Abel e falo quechua, ou guaraní, ou aimara, e tudo dito em espanhol sem maior problema, porque não há problemas na inteligente pluralidade. Aprendi muito naquele dia.

Há uns anos, José Saramago levou a sua colecção de Quixotes para a ilha de Lanzarote. Talvez então não o tenha pensado, mas sabemos agora que estava a deixar a sua parte nesta bacia cultural do Atlântico Sul. Pela sua casa passaram pensadores, escritores, músicos e pintores de diferentes lugares que ali deixaram obra e respiração, essa que o vento move mas que não leva, porque o vento em Lanzarote não é ladrão, e sim amigo. Poderão comprová-lo se lá forem. Talvez perdidos nas estradas não encontrem a Casa e a Biblioteca de José Saramago, essa que leva o nome de Jangada de Pedra, mas enquanto as procuram disfrutarão de vulcões, do vento e de um cheiro a maresia que seduz e nos obriga. A Bacia Cultural do Atlântico Sul é necessária porque no sul nasceram as melhores razões e porque continua a ser lugar fértil.

Agradeço de novo este encontro e esta distinção. Tratarei de procurar os méritos

que me faltam para que o louco júri não fique mal visto, e portanto regresso ao mapa de estradas da Península Ibérica e continuo a fazer caminhar as minhas figuras feitas de papel, cola, alguma farinha e lápis de cor. Agora já são muitas, estavam primeiro Dom Quixote e Sancho Pança, depois os personagens de *A Jangada de Pedra*, homens e mulheres portugueses e espanhóis, apareceu depois um tal de Roque, e mais tarde outro Roque, que se apresentou com o seu burro dizendo, aqui vamos, Platero e eu, e um filósofo que se chama Mairena, e vários senhores parecidos com Fernando Pessoa, e uma monja que não viaja mas escreve cartas, e outra mulher que se chama Ana Ozores e é de Vetusta, e outra com a mesma tristeza chamada Luísa, que vive em Lisboa e tem um primo a caminho de Paris chamado Basílio, e uma mulher, Mariana Pineda, que borda uma bandeira, jogando a vida que uns néscios lhe vão retirar, enfim, muitos personagens que nos reteriam aqui horas e horas, alguns ainda desconhecidos, todos gerando vida e permitindo que avancemos para que, dentro de dois anos, alguém, sem dúvida com mais mérito, volte a ser distinguido com este precioso título, trans-ibérico e europeu, que é o Prémio Luso-Espanhol de Arte e Cultura. Que assim seja, que é o que se diz na missa, bem-haja, como se acaba em português, ou simplesmente, como ensinou Cervantes, vale.



SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

www.somosbibliotecas.pt



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de
bibliotecários, arquivistas e documentalistas



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.

Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm. Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands – www.acasajosesaramago.com



junho

Doesdicon **26 e 27 mai**

Uma coreografia de Tânia Carvalho para o grupo Dançando com a Diferença, este é um espetáculo que coloca em contraste o movimento fixo e a sua posterior libertação no palco. Viseu, Teatro Viriato.



Um libreto para ficarem em casa seus anormais **Até 2 de Julho**

A partir de um texto do argentino Rodrigo García que cruza com o imaginário de Werner Herzog, Albano Jerónimo encena esta peça em parceria com o Grupo de Teatro Crinabel. Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II.



Tom de Festa **12 a 15 de Julho**

27ª edição do festival de músicas do mundo organizada pela ACERT, de Tondela. Para além de música, haverá livros, conversas e comidas. ACERT, Tondela.



Face a Face Com Grandes Fotógrafos **Até 16 de Julho**

O fotógrafo chinês Zhong Weixing retrata em exposição os grandes nomes da fotografia mundial. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional.



Operação Condor **Até 18 de Julho**

Trabalho fotográfico de João Pina sobre a operação que várias ditaduras latino-americanas de extrema-direita levaram a cabo em diferentes países para eliminar a oposição. Lisboa, Torreão Poente da Praça do Comércio.



OPERAÇÃO CONDOR

3 Corpos em Viagem **Até 28 de Julho**

Fotografias de Fernando Carqueja acompanhando o percurso de três jovens bailarinos que inauguraram o ensino especializado da dança em Viseu, na escola Lugar Presente, fundada pela Companhia Paulo Ribeiro.
Viseu, Teatro Viriato.
→

Pensar em Abstracto **Até 13 de Agosto**

Exposição de pintura, fotografia, instalação e outras composições dedicada ao abstraccionismo geométrico.
Buenos Aires, Museo de Arte Contemporáneo.
→

junho

Picasso y el Mediterráneo **Até 15 de Agosto**

Selección de obras provenientes da Fundação Picasso, em Málaga, que descrevem a relação de Picasso com o Mediterrâneo, fonte de inspiração regular do artista.
Madrid, Fundación Canal de Isabel II.
→

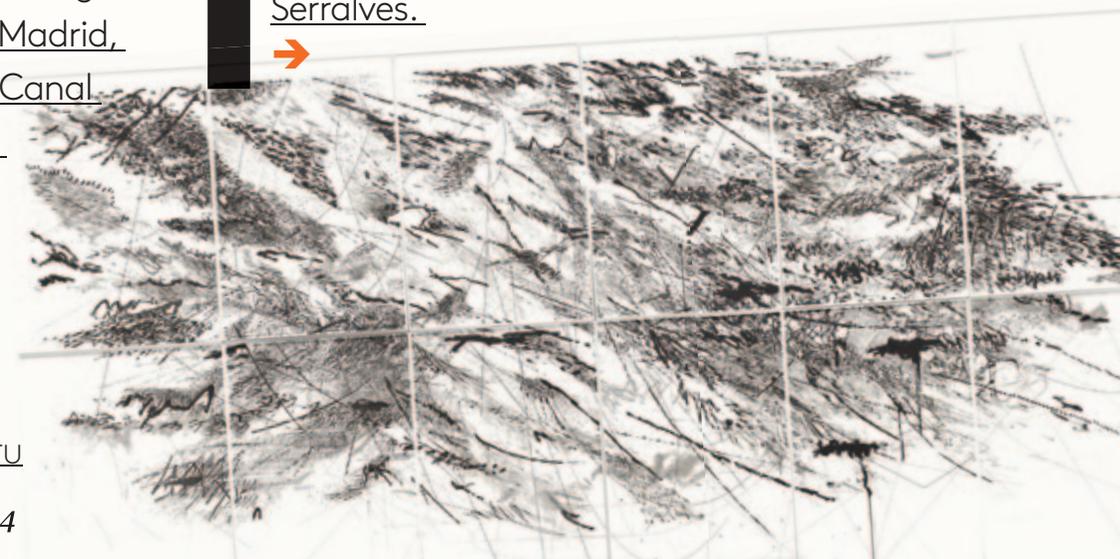
Julie Mehretu: Uma História Universal de Tudo e de Nada **Até 3 de Setembro**

Exposição que percorre vinte anos de pinturas e desenhos da artista etíope Julie Mehretu.
Porto, Museu de Serralves.
→

Björk Digital **Até 24 de Setembro**

Exposição de realidade virtual onde se exibem várias obras da cantora islandesa em parceria com alguns dos mais inovadores programadores de vídeo da actualidade.
Barcelona, Centre de Cultura Contemporània.
→

JULIE MEHRETU



Para mim, o ideal de vida é ser uma árvore. A árvore está ali, alimenta-se diretamente do chão, da terra, cresce, abre-se, dá flores se é árvore para dar flores, ou frutos, se der, e vive o tempo que tenha de viver. Uma sequóia vive mil anos, há oliveiras no nosso país que são centenárias e várias vezes centenárias, mas tudo acaba, tudo acaba. Se se derreterem os gelos do Ártico... vamos ficar debaixo de água. Um dia a Terra desaparece, o Sol apaga-se, o sistema solar acaba e o universo nem sequer se dará conta de que existimos. O universo não saberá que Homero escreveu a *Ilíada*.

*In «José e Pilar, conversas inéditas»,
de Miguel Gonçalves Mendes (Quetzal, 2011)*